

# AUTORES & LIVROS

15-1-1949  
Ano IX

Editor e redator: MUCIO LEAO.  
Gerente: LEONARDO MARQUES.  
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.  
PREÇO — Cr\$ 2,00

N.º 2  
Vol. X

## Notícia sobre Gregorio de Matos

Gregorio de Matos Guerra nasceu na Bahia, em 26 de dezembro de 1633, e era filho de Gregorio de Matos e de D. Maria de Guerra, senhora de engenho na Parioca, naquela Capitania. (O nome do pai do poeta, que, conforme os melhores biógrafos, é dado como sendo Gregorio de Matos, aparece em Sacraemento Blaka e Artur Moja, como sendo Pedro Gonçalves de Matos).

Gregorio era o terceiro filho do casal: o primeiro teve o nome de Pedro de Matos de Vasconcelos, e foi lavrador e funcionário público; o segundo foi o Padre Eusebio de Matos, que se tornou também poeta, e foi um famoso pregador sacro.

Quanto ao nosso poeta, foi batizado em 23 de dezembro de 1633, com o nome de João. Por ocasião de sua crisma, no ano seguinte, o Bispo D. Pedro da Silva mudou-lhe o nome para Gregorio.

Gregorio de Matos iniciou os estudos de Humanidades na Bahia, com os jesuítas, já revelando, desde a meninice, suas tendências para a poesia, e sobretudo para a poesia satírica. Em 1653 está em Coimbra, matriculado no primeiro ano de Canones, e ali permanece até 1661, quando obtém o seu título de formatura. Passou a residir em Lisboa, e ali abriu banca de advogado. Foi igualmente, Juiz do Crim e Juiz de Ofícios. Esse período de sua vida é bastante obscuro. Parece que veio ao Brasil mas nada se sabe ao certo. Sabe-se que, em certo momento, o Príncipe Regente, D. Pedro II, quis mandá-lo para o Brasil, a fim de proceder a uma sindicância acerca da conduta de Salvador Correia de Sá e Benedito, no Rio de Janeiro. Gregorio de Matos não aceitou o encargo. Nem por isso deixou de ser nomeado, em 24 de março de 1679, Desembargador de Relação, Eclesiástica da Bahia, com 300\$000.

Em 1681 estava residindo na Bahia, e ali gozava da amizade de D. Gaspar Barata, primeiro Arcebispo daquela Capitania. Outro entrou à nomeação de Tesoureiro-Mor da Catedral e a de Vigário Geral com murça de Górgo, tendo apenas as Crônicas menores. Como, porém, se remanesse a receber as ordens sacerdotais, o bispado falecido o seu protetor, desandou para ele a roda da fortuna. E Gregorio veio a perder os cargos que exercia. E dessa época o crime em que tombou sem vida o Alentejo-Mor Francisco Teles de Meneses. Gregorio de Matos se viu arrilado entre os responsáveis por esse assassinato. Juntemente com Bernardo Vieira Rivasen, é forçado a asilar-se em exílio.

Já entrado em anos, casou-se com a formosa viúva Maria de Povos. Vendo cresceram, com o casamento, as suas responsabilidades, procura abandonar a vida folgada que rívera até então, nos seus anos de boemia. Tenta regressar às atividades de advogado. Mas desculda-se das causas, cujos prazos imprençáveis perde: vive a ferir os colegas advogados e os Juí-

zes, com as suas terríveis satiras... A pobre senhora — Vila-ma, via também, dos sarcasmos do marido — acaba não podendo mais suportar a situação abominável. Gregorio, e recolhe-se à casa de um parente. Alarmada, a família corre ao poeta, para que ele torne a receber a esposa: Gregorio consente, mas estabelece suas condições: D. Maria ha de regressar à casa acompanhada por um capitão de marujo, como negra fúgia... e se lhe naser um filho ha de receber o nome de Górgo, porque em sua casa quem marria é a galinha, não o galo... D. Maria aceitou as condições e mais tarde, no dar a luz um filo, este realmente se chama Górgo...

A essa altura da vida, achava-se o *Boca do Inferno* visado por todos os odios, na Bahia. Uma noite (conta-se seu desespero) procuraram alvejá-lo, disparando contra ele um tiro. Não sendo atingido, mas verificando que sua vida corre perigo, ele se recolhe ao reconforto. Foi, porém, preso por ordem do Governador Dom João de Lencastre, e remetido para Angola. Era isso em 1694. No ano seguinte, obtinha a sua liberdade. E regressava ao Brasil, indo residir em Pernambuco, onde era Governador Caetano de Melo e Castro. Esta autoridade o recebe com o maior afeto, oferecendo-lhe sua proteção e os recursos de que necessita, mas pedindo-lhe em troca um único favor: que ele não fizesse mais versos. O poeta prometeu. E é dessa época aquele divertido episódio, no qual Gregorio, tendo visto duas mulheres que se descompunham e lutavam a unhas na rua, saiu gritando:

— Aqui-dei-rei contra o Srt. Caetano de Melo.

Perguntou-lhe alguém por que aquele grito. E o poeta retrucou:

— Que maior motivo que o prazer de fazer versos, quando ha tais motivos para elas?

Em Pernambuco, não obstante a promessa formal feita ao Governador, continuou a fezê-la com os seus tremendos sarcasmos, todos os quais desses sarcasmos se falam merecedores.

Foi ali que faleceu, no ano de 1696.

Gregorio de Matos é patrono da Academia Brasileira de Letras (caderno n.º 10) e da Academia Bahiana de Letras.

### BIOGRAFIA

— *Obras Poéticas de Gregorio de Matos Guerra*, precedidas da vida do poeta pelo licenciado Manuel Pereira Rabelo — Tomo I — Rio, 1882 — 419 págs.

— A edição deixa a Vale Cabral, que assina a introdução (págs. V a LII).

— *Obras de Gregorio de Matos* — I — *Sacra*, 1829 — Oficina Industrial Gráfica, rua da Misericórdia, 74, Rio de Janeiro, in-8º, 193x126, 237 págs. Contém: "Nota de C. (Constâncio) A. (ives)" — "Edições e inéditos de Gregorio de Matos", por A. (frâncio) P. (exoto); "Gregorio de Matos, poeta religioso", por Homero Pires; "Vida e

morte de Gregorio de Matos Guerra", escrita pelo licenciado Manuel Pereira Rabelo, e mais apurada depois por outro engenho; 26 sonetas, 36 décimas, quatrinas e quintilhas.

II — *Lírica*, Alvaro Pinto, editor (Anuário do Brasil), Rio de Janeiro (1923), in-8º, 193x126, 335 págs. Contém: Prefácio, por Afrâncio Peixoto; 115 sonetas, 6 oitavas, 42 décimas, 6 romances, 1 endecha.

III — *Graciosa*, 1830, Oficina Industrial Gráfica, r. da Misericórdia, 74, Rio de Janeiro, in-8º, 193x123, 343 págs. Contém: "Nota preliminar", por Afrâncio Peixoto; "Gregorio de Matos", por Xavier Marques; 30 sonetas, 24 romances, 56 décimas, 3 quintilhas, 6 redondilhas, 2 oitavas, 2 canções; copias: endechas; 2 silvas.

IV-V — *Satírica*, Vol. I — 1930, Oficina Industrial Gráfica, rua da Misericórdia, 74, Rio de Janeiro, in-8º, 193x126, 330 págs. Contém: "Nota preliminar", por Afrâncio Peixoto; "Gregorio de Matos", por Constantino Alves; "Aos Vícios"; 28 sonetas, 28 romances, 12 epigramas, Vol. II — Contém: "Nota preliminar", A. (frâncio) P. (exoto); 13 sonetas, 91 décimas; 3 romances; tercetos; 4 quadras; sextilhas; 3 silvas; 2 epigramas, e "Índice geral das poesias de Gregorio de Matos", publicadas nos 5 volumes de suas Obras, editadas pela Academia Brasileira de Letras".

VI — *Ótima*, 1833, Oficina Industrial Gráfica, rua da Misericórdia, 74, Rio de Janeiro, in-8º, 193x126, 375 págs. Contém: "Nota preliminar", de Afrâncio Peixoto; "Notas sobre Gregorio de Matos, do Arquivo da Universidade de Coimbra"; "A vida espantosa de Gregorio de Matos"; (Retrato histórico), por Pedro Calmon; "Vida do grande poeta americano, Gregorio de Matos Guerra"; 38 sonetas; metáforas; 46 décimas; sátiros do Padre Lourenço Ribeiro contra o dr. Gregorio de Matos Guerra; 16 romances; 1 endecha; Índice Geral.

— *Erótico*, 2 vols.

Em sessão da Academia (26-7-1934) Afrâncio Peixoto comunicou que a *Erótico* do poeta fora apresentada em dois codicis daquele, dos quais um ficara no reservado da Academia, tendo o outro sido mandado para a Biblioteca Nacional.

— *Parnaso Brasileiro*, por Januário da Cunha Barbosa, 2 vols., — Rio, 1831. (Encerra Poesias de Gregorio de Matos págs. 93 a 62.)

— *Parnaso Brasileiro*, por J. M. Pereira da Silva, 2 vols., 1843. (Encerra 2 sátiros de Gregorio de Matos, no 1º volume, págs. 47-53.)

— *Florilegio da Poesia Brasileira* — 3 vols. — Lisboa, 1850-1853; 2ª edição — Rio, 1946. (Encerra várias poesias de Gregorio de Matos, no 1º volume, págs. 17-127.)

— *Parnaso Brasileiro*, de M. M. Morais Filho — 2 vols. — Rio, 1885. (Encerra no 1º volume cinco sátiros de Gregorio de Matos.)

— *Sentença proferida a de*

(Continua na pág. 47)



Gregorio de Matos. Retrato existente na Academia Brasileira de Letras, na galeria dos patronos.

## SUMARIO

PAGINA 13:

— Notícia sobre Gregorio de Matos.

PAGINAS 14 E 15:

— A Poesia de Gregorio de Matos;

— Vários Sonetos.

— Retrato do Governador A. L. G. da Câmara Coutinho.

— Romance em defesa do dito governador.

PAGINAS 16 E 17:

— Ensaio sobre Gregorio de Matos, de Mucio Leao.

— Uma biografia de Casimiro de Abreu.

PAGINA 18:

— A Vida dos Livros.

PAGINA 19:

— A Sessenta, conto de Brebo Accioly.

PAGINAS 20, 21 E 22:

— Antologia da Literatura Brasileira contemporânea.

2ª série — Antologia da Prosa — XXVI — Celso Vieira.

— Celso Vieira (notícia biográfica)

— Biografia de Celso Vieira.

— Algumas fontes sobre Celso Vieira.

— Maravilhas do Instituto.

— O Ocio das Lindas Mônias.

— Adonias.

— Rainhas de Batalhas.

PAGINA 23:

— Páginas dos Autores Novos.

— XXIII — Debora Leao.

— Notícia biográfica sobre Debora Leao.

— Sonetos de Debora Leao:

— Deus.

— Maternidade.

— A Criança e o Nus.

— Nuvens Leves.

— O Amor.

— Gota dágua.

— Prisioneira.

— Indiferença.

— Exortado.

— Estrada de Tarda.

— Andorinha.

— Transformações.

— Separado.

PAGINA 24:

— Nado, soneto de Joaquim Nabuco.

— Álbum de Guignard, n.º 11.

— Horto Florestal de Itatiaia.

## AUTORES E LIVROS A SEUS ASSINANTES

Em virtude de constantes reclamações de assinantes que não têm recebido regularmente a nossa revista, resolvemos passar a fazer todas as remessas com porte registrado. Assim sendo, deduziremos de todas as assinaturas anuais a importância correspondente ao registro, ou seja, Cr\$ 14,00.

As assinaturas semestrais não sofrem alteração; também não se cobram as trimestrais, por já terem o seu prazo esgotado.

Aqueles que possuem assinaturas anuais receberão, pois, 7 números a menos do que antes receberiam, passando o prazo de suas assinaturas a findar-se em fevereiro de 1940, com o n.º 4 do volume XI.

As assinaturas semestrais não sofrem alteração; também não se cobram as trimestrais, por já terem o seu prazo esgotado.

## AOS COLEÇÃOADORES DE

### "AUTORES E LIVROS"

É possível que, dadas as notícias deficiências de serviço do correio nacional, alguns assinantes tenham ficado desfazidos de um ou outro número do nosso novo volume. Assim que assim se encontrarem, preventi-

mos que temos na redação exemplares de todos os números do novo volume, exemplares estes que ficam desde já à disposição dos interessados que não desejem ver desfazidas suas coleções.

## SORTEIO DE UMA COLEÇÃO DE

### "AUTORES E LIVROS"

Comprindo uma promessa feita desde o primeiro número de nosso novo volume, pusemos em sorteio, com a Loteria Federal do dia 29 de dezembro do ano passado (a última extração do ano) uma coleção de "Autores e Livros" desde o seu inicio (1944) até o momento atual.

Não correspondendo o número de nenhum dos nossos assinantes ao número do bilhete da

sorte grande daquele dia — 24. — nenhum deles ganhou a coleção referida.

Volta, assim, aquela coleção de "Autores e Livros" a ser posta em sorteio com a última extração de 1949. Naquela ocasião, o assinante cujo número corresponder ao grande prêmio da Loteria Federal receberá os seus dez volumes de "Autores e Livros".

# A poesia de Gregorio de Matos

A Dona Angel, uma das três filhas de Vasco de Sousa de Paredes, e sua mulher Dona Victoria, de tão formosa, que D. João de Alencastro quando fez desse governo para Lisboa, levou consigo um retrato seu.

## SONETO

Não vira em minha vida a formosura,  
Ouvia falar nela cada dia,  
E ouvidos me incitava, e me movia  
A querer ver tão bela arquitetura;

Hontem a vi por minha desventura  
Na cara, no bom ar, na galhardia  
De uma mulher, que em Anjo se mentiu:  
De um Sol, que se trajava em criatura;

Matem-me, disse eu, vendo abraçar-me,  
Se esta a causa não é, que encarecer-me  
Sabe o mundo, e tanto exagerar-me;

Olhos meus, disse eu, vendo defender-me:  
Se a beleza heis de ver, para matar-me,  
Antes olhos cegueis, do que eu perder-me;

A mesma D. Angel.

## SONETO

Anjo no nome, Angelica na cara:  
Isto é ser flor, e Anjo juntamente:  
Ser Angelina flor, e Anjo florente,  
Em quem, senão em rôs, se uniforma;

Quem vira uma tal flor, que a não cortara,  
Do verde pé, da rama floreante;  
E quem um Anjo vira tão lusente,  
Que por seu Deus o não idolatraria?

Se pois como Anjo sois dos meus altares,  
Forais o meu Custodio, e a minha guarda,  
Livrara eu de diabolicos azares.

Mas vejo, que por bela, e por galhardia,  
Posto que os Anjos nunca dão pesares.  
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.

A mesma Dama: é tradução de outro Soneto, composto por Felipe 4º Rei de Espanha.

## SONETO

Se hade ver-vos quem hade retratar-vos,  
E forçoso cegar quem chega a ver-vos,  
Sem agravar meus olhos, e ofender-vos.  
Não hade ser possível copiar-vos.

Com neva, e rosas quiz assemelhar-vos;  
Mas fora honrar as flores, e abater-vos;  
Dous Zefiros, por olhos quiz fazer-vos;  
Mas quando sonham, eis de imitar-vos;

Vendo que a impossivel me apareho,  
Descosei da minha tinta impropria,  
E a obra encorrendel a vosso espehio.

Por que nela com luz, e cor mais propria  
Serás, se não me engana o meu conselho,  
Pintor, pintura, original, e copia.

Retraia o Autor a Dama Angel.

## SONETO

Desbuxo singular, bella pintura,  
Adonde a Arte hoje imita a Natureza,  
A quem emprestou cores a Beleza,  
A quem infundiú alma a Formosura.

Espheira breve; sonde por ventura,  
O Amor, com asombro, e com fineza,  
Reduc incompreensivel gentileza;  
E em pouca sombra, muita luz apura.

Que encanto é este tal, que equivocada  
Deixa toda a atenção mais advertida  
Nessa copia à Beleza consagrada?

Pois, ou bem sem engano, ou bem fingida;  
No rigor da verdade, está pintada,  
No rigor da apparencia, está com vida.

Saudosa, o Poeta não seba na soledade alívio ás  
seus magos.

## SONETO

Na parte da escuridão mais sombria,  
Onde uma fonte de um rochedo nasce,  
Com os olhos na fonte, a mão na face,  
Sentado, o Pastor Silvio assim dia:

Aí como me mentiu a fantasia,  
Cuidando nesta estância repousasse;  
Que importa, que eu a sôde mitigasse.  
Se da saudade cresce a hidropesia.

Solte o Zefiro brando os secos aletos,  
E excite no meo peito amantes fragos,  
Pois sobem da corrente os movimentos.

Que é tyrana oficina para as magos,  
Ouvir uns folhos combater os ventos,  
Por entre as pedras murmurar os agos.

Chora um bem perdido, porque o desconhecer na  
posse.

## SONETO

Porque não merecia o que lograva,  
Deixei como ignorante o bem que tinha.  
Vim sem considerar donde vinha,  
Deixei sem entender o que deixava;

Suspiro agora em vão o que gozava,  
Quando não me aproveita a pena minha,  
Que quem errou sem ver o que convinha,  
Ou entendia pouco, ou pouco amava.

Padeço agora, e morra suspirando  
O mal, que passo, o bem que possua;  
Pague no mal presente o meu passado.

Quem podia, e não quis viver gozando  
Confesse, que esta pena merecia,  
E morra, quando menos confessado

Namorado, o Poeta fala com um arrolo.

## SONETO

Como corre, arrolo fugitivo?  
Adverte, para, pois precipitado  
Corre, soberbo, como o meo cuidado,  
Que sempre a despenhar-se corre alto.

Torna aíras, considera discursivo,  
Quem esse curso, que levava apressado,  
No caminho que emprende despenhado  
Te deixa morto, e me retrata vivo.

Porem corre, não pâs, pois o intento,  
Que tão desejou conseguir procura,  
Logra o ditoso fim do pensamento.

Triste de um pensamento sem ventura,  
Que tendo venturoso o nascimento,  
Não acha assim ditosa a sepultura.

A uma Dama dormida junto a uma fonte.

## SONETO

A margem de uma fonte, que corria,  
Lira doce dos passaros cantores,  
A bela occasião das minhas dores  
Dormindo estava a despertar do dia.

Mas como dorme Silvia, não vestia  
O ceo seus horizontes de mil cores,  
Calava o silêncio sobre as flores,  
Calava o mar, e o río não se ouvia.

Não dão o parabem a nova Aurora  
Flores capuzas, Passaro, fragrantes,  
Nem seo ambar respira a rica Flora.

Porem abrindo Silvia os dous diamantes,  
Tudo a Silvia festeja, tudo adora,  
Aves cheiroosas, flores ressonantes.

Pretende o Poeta medeira o excessivo sentimento  
de Vasco de Sousa de Paredes na morte da dita sua  
filha.

## SONETO

Sobolos rios, sobolos torrentes  
De Babilonia, o povo ali oprimido  
Cantava aumte, triste, e afigido  
Memorias de Silio, que tem presentes

Sobolos do Caipe aguas correntes  
Um peito melancolico, e sentido,  
Um Anjo chorá em cinzas reduzido,  
Que tão bela reputados sobre ausentes.

Para que é mais idade, ou mais um anno,  
Em quem por privilegio, e natureza  
Nasce flor, a que um sol faz tanto danno?

Vossa prudencia, pois, em tal dureza  
Não senta a dor, e toma o desengano,  
Que um dia é eternidade da beleza.

A instabilidade das coisas do Mundo.

## SONETO

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,  
Depois da Lux, se segue a noite escura,  
Em tristes sombras morre a formosura,  
Em continuas tristezas a alegria.

Porem se acaba o Sol, porque nascia?  
Se é tão formosa a lux, porque não dura,  
Como a beleza assim se transforma?  
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na lux falta a firmeza,  
Na formosura não se dê constancia,  
E na alegria simta-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorancia,  
E tem qualquer dos bens por natureza  
A firmeza somente na inconstancia.

Bôte a sua casaca de veludo,  
E seja capitão sequer dois dias;  
Converse à porta de Domingos Dias,  
Que péga fidalgia mais que tudo.

Seja um magano, um pleiro, abelhudo;  
Vá a palacio; e apos das cortezas,  
Poreca quanto ganhar nas mercandas;  
E em que perca o alho, esteja mudo.

Ande sempre na casa, e montaria;  
De nova locação, novo epíteto;  
E diga-o sem propósito a porfia;  
Que em dizendo facção, prentre, affeto, ...

Será no entendimento da Bahia.

Mui fidalgio, mui rico e mui discreto.

Faga misuras de A, com o pé direito;  
Os beija-mãos de gatador da pella;  
Saiba a todo cavalo a parentela,  
O dono, o criador e seu defeito.

Se o não souber, e o vir ruanim da noite,  
Chame o lacoio, e posto na janela,  
Manda que lho passe a mór castella;

Que ainda que o não entenda, se ha respeito.

Sáia na armada; sofra, lá seus botes;

A ouvir cantar damas mais se aplique;

Pela sempre na quinta, pôtro e galgo.

E com isto, e o favor de quatro asnoes;

De prompto ouvir e crer, se porá a pique;

De amanhecer um dia grão fidalgio.

A uma procissão de cinza em Pernambuco.

Um negro magro, em suffisí mui justo;  
Dois azorragues de um joá pendentes;  
Barbado o Peres; malo dois pambentes;  
Seis crianças com azas sem mais custo;

De vermelho o mulato mui robusto;

Tres meninos fradinhos, innocentes;

Des ou doze brioxos mui agentes;

Vinte ou trinta canelos de hambo onusso.

Sem debita reverencia seis andores;

Um pendão de algodão tinto em tejuco;

Em fileiras dez pares de menores;

Atraz um negro, um cego, um mamaloco;

Tres lotes de rapazes gritadores;

E a procissão de cima em Pernambuco.

A abundante ilha de Gonçalo Dias.

Oh ilha rica, inveja de Cambaya,  
Pertil de peixe, fructas e marisco!

Mais gallegos na praia do que cisco;

Mais cisco nos gallegos que na praia.

Tu, a todo o Brasil podes dar vaia;

Pois tantos lueros das, e a pouco risco;

Tu abundas nos filhos de Francisco,

Picote de cação, bural de arraia.

Tu, em céos dias só á frota o lastro;

Fructa em toneis, a chama da toncelas;

Tu tens a sun cargo a seu cuidado.

Se sabe o preciarissimo Alencastro

Que tais serviços fazes ás armadas.

Creio que fará de ti um grão morgado.

A uma tormenta

Na confusão do mais horrendo dia,  
Painel da noite, em tempestade brava,  
Do fogo e ar o ser se ambarapava,  
Da terra e ar o ser se confundia.

# A poesia de Gregorio de Matos

Branava o mar; o vento embravecia;  
A noite em dia, enfim, se equivocava;  
E com estrondo horrível se assombra  
A terra, e se abalava, e estremecia.  
Desde os altos aos concavos rochedos,  
Desde o centro aos mais altos obeliscos.  
Houve temor nas nuvens e penedos;  
Pois dava o céu, ameaçando riscos.  
Com assombros, com passos, e com medos,  
Relâmpagos, trovões, raios, coriscos.

## Contra os abusos do pulpito

Via de perfeição é a Sacra Via;  
Via do céo, caminho da verdade.  
Mas ir ao céo com tal publicidade.  
Mais que virtude, o delito a hipocrisia.  
O ódio é d'álma infame companhia:  
A paz, deixou-a Deus à christandade;  
Mas arrastar por força uma vontade,  
Em vez de caridade, é tiranía.  
O dar pregoes no pulpito é indecência:  
Que é de fulano? Venha aqui sacerdote;  
Porque peccado e peccador se veja...  
Só proprio é de um portero de audiencia.  
E se nisto mal digo, ou me engano;  
Em me remetto à Santa Madre Igreja.

## Desenganos da vida humana.

E a vaidade, oh Fabio, nesta vida,  
ricta, que da manhã lisonjeada,  
Purpuris mil, com ambição dofrada,  
Atrona rompe, arrasta presumida.  
E planta, que de Abril favorecida,  
Por mares da soberba desatada,  
Florida galeota empavonada,  
Sulca, afanha, navega destemida.  
E nau, enfim, que em breve ligereza,  
Com presunção de Phoenix generosa,  
Galhardas apostia com presteza.  
Mas ser planta, ser rosa e nau vistosa,  
De que importa, se a guarda, sem defesa,  
Penha a nau, ferro a planta, tarde a rosa?

## Ao mesmo assunto.

São neste mundo império de loucura,  
Posse, engenho, nobreza e galhardia.  
Os padões da valdade, em que confia  
A presumção dos homens sem cordura.  
Mas se em círcos se torta a formosura,  
Se em cadaver a muda fidalgaria,  
E palestra do engenho a campa fria,  
Se da riqueza é cofre a sepultura.  
E trono na dureza empinhascado;  
E homem, mais que a rocha empedernido;  
E marimor na constância do peccado.  
Como vives, ó homem presumido.  
Vendo qual há de ser seu triste estado,  
Se é galan, nobre, rico ou entendido.

## Estando para morrer.

Pequê, senhor: mas não porque hei pecado,  
De vossa alia piedade me despedi;  
Antes quanto mais tenho delinquido.  
Vos tenho a perdoar mais empinhado.  
Se basta a vos irar tanto peccado,  
A abrandar-vos sobeja um só gemido:  
Que a mesma culpa, que vos ha offendido,  
Vos tem para o perdão lisonjeado.  
Se uma ovelha perdida, já cobrada,  
Glória tal, e prazer tão repentina  
Vos deu, como afirmas na Sacra História:  
Eu sou, senhor, ovelha desgarrada;  
Cobrai-a; e não querais, Pastor Divino,  
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

## Idem

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro.  
Em cuja fé protesto de viver;  
Em cuja santa lei hei de morrer,  
Amoroso, constante, firme e inteiro.  
Neste transe, por ser o derradeiro.  
Pois vejo a minha vida anoticecer,  
E, meu Jesus, a hora de se ver  
A brandura de um pal, manso cordeiro.  
Mui grande é vosso amor, e o meu delíctio:  
Porém, pode ter fim todo o pecar,  
Mas não o vosso amor, que é infinito.  
Esta razão me obriga a confiar.  
Que por mais que pequê, neste conflito  
Espero em vosso amor de me salvar.

Retrato do governador A. L. G. da Cima Coutinho.

Romance em defesa do dito governador.

Vá de retrato  
Por consante;  
Que em sou Timante  
De um nariz de tocano cér de pato.

Pelo cabello  
Começa a obra;  
Que o tempo sobre  
Para pintar a giba de camello.

Causa-me engulho  
O pelo untado;  
Que, de molhado,  
Parce que sae sempre de mergulho.  
Não junto as faltas  
Dos olhos balos;  
Que versos raios,  
Nunca ferem senão coisas mal altas.

Mas a fachada  
Da sobrancelha,  
Se me assemelha  
Uma negra vassoura esparralhada.

Nariz de embono,  
Com tal sacada,  
Que entra na escada  
Dous horas primeiro que seu dono.

Nariz que fala  
Longe do rosto;  
Pois na Sé posto,  
Manda na Praça pôr a guarda em alta.

Membro de olfatos;  
Mas tão guardados  
Que um rei cordado  
O pode ter por copa de cem pratos.

Tão temerário  
E o tal nariz  
Que por um triz  
Não ficou cantareira de um armário.

Vocé me perdoe,  
Nariz nefando,  
Que eu vou cortando,  
E ainda fica nariz em que se assos.

Ao pé da altura  
Do nosso cíteiro  
Tem o sendeiro  
O que boca nasceu e é rasgadura.

Na gargantona,  
Membro do gôsto,  
Está composto  
O orgão mais subtil da voz fanhosa.

Vamos à giba:  
Mas eu que intento,  
Se não sou velho  
Para poder trepar lá tanto arriba?

Sempre eu insisti,  
Que no horizonte  
Deste alto monte,  
Foi tentar o diabo a Jesus Christo.

Chamam-lhe autores  
Por falar fresco,  
Dorsum burlesco,  
No qual fabricaverunt peccatares.

Havendo apostas  
Se é gente ou fera  
Se assentou que era  
Um caracol, que traz a casa às costas.

De grande, arriba  
Tanto se entona,  
Que já blazona  
Que engelhou ser canastrá, por ser giba.

Oh pico alçado!  
Quem lá subira,  
Pra que vira  
Se é Etna abrazador, se Alpes nevado.

Os pés dão figas  
A mór grandesa!  
Por cuja empresa  
Tomaram tanto pé, tantas cantigas.

Velha coitada;  
Cuja figura,  
Na arquitectura  
Da pôpa da não nova está entalhada.

Ba viagem,  
Senhor Tocano;  
Que para o anno,  
Vos espera a Bahia entre a bagagem.

Agora não eu a campo,  
Por vós, meu Antônio Luis;  
Que já fede tanto verso,  
Já entida tanto pasquim.

Que vos quer esta canalha  
Torpe, de vilões ruínas?  
Tanto poeta sendeiro?  
Tanto trovador russim?

Se fizestes mau governo,  
(Que é certo que foi ruim),  
Elas que o façam peior,  
Que eu lhes dou de quatro mil.

Que enforcastes muita gente?  
Mente quem tal coisa diz:  
Gabriel os enforca,  
Que eu com estes olhos vi.

E verdade, que gostavais  
Vós mesmos de velos ir;  
Sóis amigos de enforcados;  
Ter-lhes odio, isso é que é ruim.

Esse povo é muito besta;  
E não sabe distinguir,  
Que o ser amigo é virtude,  
E o vicio é não ser assim.

Cada qual gosta o que gosta;  
Um carneiro, outros perdiz;  
Vós, um quarto de enforcado,  
Eu, um quarto de pernil.

Em gostos não ha disputa;  
Dai ao demo o povo vil,  
Que até nos gostos se mette  
A ser dos gostos juiz.

O querer não tem razão,  
Que a vontade é mui subtil;  
E assim, por onde quer entra,  
E talvez não querer sair.

Cada um quer o que quer;  
Não há nisso que arguir;  
Pez Deos as vontades livres,  
Prendel-as, é frenesim.

Sóis amigo de enforcados:  
Quem vol-o pode impedir?  
Oxalá fortes amigo  
De levar o mesmo fim!

Ora vamos à farinha;  
Poi pouca, cara e ruim;  
Mas vós, não sóis sol, nem chuva,  
Para haver de a produzir.

Eu confesso que houve fome,  
Governando vós aqui;  
Sóis moftino; e por moftino,  
Ficou moftino o Brazil.

Ser moftino, não é culpa.  
A fortuna o quis assim;  
Quem é moftino conágio,  
Com os mais ha de ser feliz?

Não vos mandou governar  
Erei farinhas aqui,  
As carnes, nem os peccados;  
Porem a força, isso sim.

Valha o diabo a vossa almo,  
Cabellos de colomim;  
Mandou-vos elrei, acaso,  
Desgovernar o Brazil?

Mandou-vos acaso elrei  
A Sodoma? Ou no Brazil?  
E se não estais em Judés,  
Quem vos metteu a Rabi?

Ora ide-vos com os diabos;  
Que não quer o já sair  
A campo, por um vilão ruim.

*Gregorio de Matos*  
Assinatura de Gregorio de Matos

# Ensaio sobre Gregorio de Matos

MUCIO LEO

## I — LIRISMO E SATIRA

Houve em Gregorio de Matos dois aspectos nitidos: cada um predominante em uma fase: o do poeta lírico e o do poeta satírico. Até os meados de sua vida, deve ter predominado nele a poesia lírica. E' a fase de aceitação das coisas, da tranquilidade de alma de coração, a fase na qual ele vai fixar-se em Portugal, estudar leis em Coimbra, trabalhar honesta e proficiamente, tornar-se o jurista de todos respeitado. Nessa fase que o encontrou o Padre Bernardino. Foi nessa fase que o suave oratório o viu, certo dia em que alguém propunha ao poeta aquele difícil mote: *1 mais formosa que Deus* — mote que ele, pondo os olhos no céu e lenhamente cofinando o bigode, glorou

Eu com duas damas vim  
De uma certa romaria  
Uma feia em demasia,  
Sendo a outra um serafim.

E vendo-as eu vir assim,  
São e sem amantes seus,  
Lhes perguntei: "Anjos meus,  
Quem vos pôs em tal estado?"  
Disse a feia, que o pecado:  
A mais formosa, que Deus.

Deslumbrou-se Bernardino com essa décima, e mais tarde contou o episódio em uma das meditações de *um Novo Floresta*.

Gregorio deve ter sido um gênio propenso a essa espécie de sutilezas litero-religiosas desde os começos e sua carreira. Há uma outra glosa sua, igualmente espirituosa e sutil, em que o mote e esta outra blasfêmia: *Bêbedo está Santo Antônio*.

Mas o poeta, que em 1653 se encontrava estudando as suas leis em Coimbra, não é apenas um fazedor de tabelas versos improvisados. E' um lírico, um apaixonado cantor das coisas do seu amor, da beleza e do encanto das muitas mulheres que amou. E assim, por exemplo, que ele vê uma dama dormindo junto a uma fonte, e porque ela dorme, tóda a paisagem em torno mudece, se apaga, como que dorme, também.

Porém abrindo Silvia as dois diamantes  
Tudo a Silvia festejo, tudo adora,  
Aves cheirosas, flores ressoantes...

E não se diga que essa expansão de lírico ele o a possuiu na mocidade. E' impossível mostrá-lo, com tantidade rigorosa, a evolução do seu pensamento poético, porque ele não punha datas nôs versos que escrevia. Há, entretanto, um dos seus mais belos e mais inspirados sonetos líricos que traz como dedicatório o nome de D. Maria da Fonseca, quando sua nai. Queríam: é um soneto já de seus começos de velhice, saído como o poeta casou tarde, quando andava em idade de avô. Mas ouça-se a peça a que nos referimos, e que parece constituir um eco de outra mais antiga, de um formoso soneto de Ronsard:

Discreta, e formosíssima Maria,  
Enquanto estamos vendo a qualquer hora,  
Em tuas faces a rosada Aurora,  
Em teus olhos e boca, o Sol e o dia:

Enquanto com gentil desortesia,  
O ar, que fresco Adonis te namora,  
Te espalha a rica trama brilhante,  
Quando vem passar-te pelo frio:

Gozá, goza da flor da mocidade,  
Que o tempo trata a tóda a ligeireza,  
E impõe em tóda a flor que pisada.

O, não aguardes, que a madura idade,  
Te converte essa flor, essa beleza,  
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em muda.

E é em um dos seus sonetos líricos que encontramos certo pensamento que, pela sua extensão, pelo seu vago, pela sugestão exquista que contém, constitui um dos mais belos versos de nossa língua. Recordemo-nos ao techo de certo soneto em que o poeta procurava consolar Vasco de Sousa Paredes da morte de sua filha, e dizia-lhe:

— Um dia é eternidade da belza.

O lírico de Matos tinha, não raro, sua manifestação filosófica, como é vemos naquele soneto acerca da instabilidade das coisas do mundo, no qual o poeta medita que

tem qualquer dos bens por natureza  
A firmeza somente na inconstância.

Há, enfim, um outro aspecto do lírico do nosso poeta, que cumpre fazer ressaltar: o da sua inspiração religiosa. Não foi ele um mistico, nem para a unção mística temos indicação, nos, brasileiros, herdeiros de portugueses. Foi religioso, e sobretudo os dois sonetos dirigidos a Jesus Cristo, por ele feitos já no leito de morte, são peças das mais formosas que nesse gênero possui a nossa poesia.

## II — A FORÇA DA REVOLTA

Mas nesse poeta apaixonado e ardente que tanto amava o amor, havia uma força irreprimível de revolta. E, como sempre acontece, foi essa irreprimível força de revolta que o conduziu à sátira, que o fez achar nesse terreno a sua realização literária mais poderosa, que lhe trouxe afinal o apelido flamboyant — Béco do Inferno. Esse aspecto de sua personalidade literária findou por assumir uma predominância excessiva, no julgamento dos críticos que o têm estudado, a ponto de um deles, e um dos mais sábios e capazes, Araripe Júnior, só querer ver em Gregorio o satírico, chegando ao extremo de apontá-lo como um *notabilíssimo canhão*. Pouco mais nela viu José Veríssimo que esse mesmo tipo de inadaptado, do sujeito que se coloca fora das leis morais: "Gregorio de Matos é a mais perfeita e mais ilustre expressão desse tipo essencialmente nacional, do qual foi e continua a ser a Bahia a fecunda progenitora, o capadócio. E' ele o seu mais eminente protótipo." (História da Literatura Brasileira, pág. 94).

Escrevendo antes de Araripe Júnior e José Veríssimo, Silvio Romero pode compreender melhor o poeta belano. E' ele como o retratou: "Se alguém no Brasil se pudesse conferir o título de fundador da nossa literatura, esse deveria ser Gregorio de Matos. Foi filho do país; teve mais talento poético do que Achieta; foi inimigo do povo; foi mais desabusado; mais mundano, produziu mais e num sentido mais nacional. O que me prenda no estudo dessa individualidade é a ausência do artifício literário; o poeta não vai por um caminho e o homem por outro..." (História da Literatura Brasileira, vol. 1º, pág. 173).

Os críticos mais recentes têm conseguido ver em Gregorio de Matos alguma coisa mais do que o canhão que nela enxergou Araripe Júnior, ou o capadócio que nela encontrou José Veríssimo. E em nossos dias um crítico estrangeiro, Ernesto Feder, pode traçar um curioso paralelo entre Gregorio de Matos e Heine, mostrando como, sendo na expressão poética, os menos no rumo da realização da vida, são semelhantes os dois destinos.

## III — GREGORIO DE MATOS E AS ANEDOTAS

Para que assim avultasse a fama de poeta satírico de Gregorio de Matos um outro elemento concorreu com os seus diabólicos versos — a imensa trama de anedotas que findou por ser a sua vida. O licenciado Rabelo teve o cuidado de guardar as mais picarenses dessas curiosas histórias. Eis algumas delas:

Matos, Gregorio de Matos, escreve aquela temível

Décima dedicada à Sé da Bahia:

A nossa Sé da Bahia,  
Como ser um mada de festas,  
E' um presépio de bestas,  
Se não for entrebaria.  
Várias bestas endo dia  
Vemos, que o sino congraça,  
Caveira, muia galega;  
O Deão, burrinho parda;  
Pereira, rocinha de albaria,  
Que tudo da Sé carrega.

Certo cônego não viu o seu nome na longa enumeração, e dirigiu-se a Gregorio, para lhe agradecer a gentileza do esquecimento.

— Não, senhor cônego, vossa mercê não ficou excludo, disse-lhe o poeta. Não viu ali, no terceiro verso, as bestas? Pois vossa mercê é uma das.

Essa crueldade, teve-a ele em vários outros lances de sua vida.

Certo dia encontrou Rocha Pita, o futuro historiador, que lhe pede uma rima para mim. Dá-lhe o poeta a única resposta que devia dar a um pedido tão tolo:

— Poinha capim.

Nunca mais Rocha Pita lhe perdoou essa crueldade.

Curioso passagem foi também a de certo sujeito que procurou o poeta para fazê-lo patrono de uma causa que estava a mover contra o genro. Morreia-lhe a filha, e o marido desia a enterrara de capela e palma, publicando-a donzelha. Sendo assim, o pai da moça queria reaver agora o dote que dera a moça, ao casal. Gregorio arrazoou os autos com estes versos:

Gaita de fole, não quer tanger;  
Olhem o diabo o que foi fazer.

O advogado do rapaz aproveitou esses versos, provou o ridículo do feito, e facilmente ganhou a causa. Era provavelmente o que desejava, no fundo da alma, o patrono do sogro alhequiano.

De outra feita foi Gregorio procurado por um frade que estava em extrema aflição. Um seu sobrinho, por haver furtado a naveia de uma igreja, lhe foi sentenciado à morte. Desejava instantaneamente que o poeta pusesse embargos a esse triste destino. Respondeu-lhe Gregorio que nada podia fazer, porque tinha, nesse momento, também, um cuidado que muita e aborrecia. Desejou saber o frade que cuidado seria esse, pole talvez lhe pudesse achar remedio. Perguntou-lhe Gregorio se não via, na porta da casa, uma cruz desenhada. Pôde vê-la o frade. Então o poeta disse-lhe:

— Essa cruz foi feita por Maria de S. Bento (era uma figura muito conhecida na cidade). Salu ela daqui há alguns instantes, e lá apontou-a que teve simi na porta, indicando que nunca mais aqui tornaria.

Propôs-se então o frade a ir buscá-la; no caso em que Gregorio, em recompensa, fizesse o arrozado que ele pedia. E' isso ficou combinado. Saiu o frade, e não tardou a voltar com a mulher. Então, indignado, gritou para ele Gregorio:

— Não foste tu, mulata ridícula, que fizeste aquela cruz, jurando por ela que nunca mais aqui voltarias? O que querias, era aqui tornar. Agora, val-te, que quem te ordena sou eu: não tornes mais a pôr aqui os pe-

Feito isso, tomou Gregorio dos autos que levava o frade, pôs nele as razões de defesa do rapaz que ia ser condenado à morte:

A naveia de que se trata  
E' de latão, não de prata.

Registre-se o episódio daquele juiz em Pernambuco...

Pôr, primeiramente, um pobre diabo, criado de certo sujeito que o tratava muito bem. Cresceu e prosperou, e um dia foi feito Juiz Ordinário na Vila de Iguarassu. Seu antigo amo, encontrando-o na rua, e ignorando que ele havia atingido a posição tão importante, chamou-o de vor. O Juiz, tomando o tratamento por falta de respeito, mandou autuar o imprudente, propondo contra ele um leigo crime e cível. Afliu, o ex-pátrio do Juiz pediu a Gregorio que lhe patrocinasse a causa. E Gregorio fez a defesa com estes versos:

Se a Deus se trata por tu,  
E se chama a El-Rei por vós;  
Como chamaremos nos  
Ao Juiz de Iguarassu?  
Tu e vós, e vós e tu.

Sim: esse estranho poeta não gostava de transigir com nenhuma afetação, com nenhum convencionalismo. Certo dia, em um engenho de Pernambuco, conversava ele com o abastado proprietário, e naturalmente se queixava da vida, que tivera sempre falha e pobre, sempre perseguida. O proprietário, bem instalado em sua fortuna, aproveitou a ocasião para uma bonita moralização:

— E' isto mesmo, doutor Gregorio. Nós mesmos somos os autores da nossa fortuna; colhemos aquilo que semeamos.

Retrucou-lhe Gregorio que as véses não é tanto assim, às véses nós pagamos pela malícia com que erradamente interpretam um gesto nosso, uma nossa palavra...

— Quer Vossa Mercê um exemplo? Olhe: ali vem aquele boi e aponta para um animal no pasto, que só tem um corno, como vossa mercê está vendo. Mas se eu lhe chamar boi de um corno, Deus me livre da indignação do seu dono...

O fidalgão fez-se de desentendido, e não teve mais tiradas moralizantes para o impossível Gregorio.

## IV — GREGORIO DE MATOS E O MEIO BRASILEIRO

Nessas várias anedotas o que vemos é um espírito desprovido de qualquer hipocrisia, em luta com a hipocrisia dos outros. Foi esse, em uma palavra, o grande drama de Gregorio de Matos. Imaginou-se, para um espírito de sua sensibilidade, o que seria a condenação de viver numa terra como a Bahia dos fins do século XVII. E' do mesmo século a permanência que teve na capital da colônia um grande escritor português. D. Francisco Manuel de Melo. E que resultou dessa sua permanência aqui? Um livro que seria um lâmina vibrado na alma brasileira — aquela *Brasil, Inferno de Brancos, Purgatório de Negros, Paraíso de Muitos —* que o ilustre clássico nunca chegou a escrever.

*Paraiso de Muitos...* era isso, em uma palavra a cidade que conheceu Gregorio de Matos. Na Bahia desses primeiros tempos, o mulato era tudo. Era o filho querido dos ricos e dos poderosos, o filho dos amores dominantes, dos amores das negras, paixão e luxúria dos sentidos lusos exaltados. E como elas se multiplicavam, e como eram audazes, e como eram inteligentes, e como tudo sabiam querer e exigir! Um branco como Gregorio de Matos, que chegasse para competir com tal gente, estava perdido. Tudo lhe era negado, para ser dado aos outros.

Na descrição que nos deixou da Bahia, a nota central que registra é a dos mulatos: *mulatos mulatos desvergonhados...* E é assim que ele começa a sua sátira famosa — à Gente da Bahia:

Não sei para que é nascer  
Neste Brasil empestado  
Um homem branco e honrado  
Sem outra raga.

Terra tão grosseira e crassa,  
Que a ninguém se tem respeito  
Salvo se mostra algum grito  
De ser mulato.

Quinto o português que para aqui vem — o porto-brete de Cristo que em casa come balaio e na rua arrasta manjericão — mereceu-lhe versos mais violentos ainda. Gregorio pinta-o como o aventureiro, o ladrao, o bocal, o Pintado — também como o depravado, o violado, o sodomita. E não pensou que é apenas o emigrante pobre e obscuro que é desfumado em seus versos ralos (como ele próprio os chama). Não: são os portugueses mais ricos, os mais poderosos, os mais capazes, de vinganças e castigos. E' por exemplo, o provedor da Casa da Moeda, Nicélio de Oliveira, que ele destrói com a poesia feroz, assim a que deu o título de *Marinçal*. Essa poesia é, por si só, uma formidável demonstração do talento satírico de Gregorio de Matos, e é pena que o descommodo de sua linguagem a vele os ouvidos mais delicados. Tocada em versos de 9 e 11 sílabas, para escravos, Gregorio inventou um novo e estranho dialeto. Ouçam-se os versos de uma sua estrofe:

Catarina conigibus era  
Uma das avós da parte viril,  
Donde vem conixaréns-se todas  
As conigibundas do tal gênero.

Como o provedor da Santa Casa, os outros poderosos senhores da colônia receberam as setas erradas desse destruidor de ídolos. E' sua vítima constante o governador Antônio Luís da Câmara Coutinho, aquile para quem o nosso poeta se tornou um *plínior* — tragando dele um retrato absurdo, grotesco, e maravilhoso. E sua vítima outro governador — Antônio de Sousa e Meneses, o famoso Braco de Praia. E' sua

# Ensaio sobre Gregório de Matos

vítima o desembargador Rabo de Vaca. São-no tantos e tantos outros magistrados, homens ricos, fidalgos, a flor inteira da colônia, pois

Que os brasileiros são bestas,  
E estarão a trabalhar  
Toda a vida, por manterem  
Maganos de Portugal.

## V — GREGÓRIO E A FIDALGIA

Maganos de Portugal — ou mesmo do Brasil. Porque Gregório de Matos envolve no mesmo desprêzo todos os sangues azuis — os de lá de fora e os de cá de dentro. E era assim, nessa língua mesclada e pitoresca, que ele satirizava certo *fidalgio carioca*:

Um Payá de Monay bonzo bramá,  
Primas da Caiquirá do Pegú,  
Que sem ser do Pequim, por ser do Aca,  
Quer ser filho do sol, nascendo cá.

Tenha embora um avô nascido lá,  
Cá tem trés peças costa do Caiará,  
E o principal se diz Paraguassú,  
Descendente éste tal de um Guinama.

Que é fidalgio nos ossos cremos nós,  
Pois nisso consistia o mór bração  
Daqueles que comiam seus avós.

E como isto lhe vem por geração,  
Ihe ficou pur costume em seus tetrós  
Morder os que provêm de outra nação.

## VI — EXPLICAÇÃO DE UM SATÍRICO

Como nenhum dos seus críticos futuros, Gregório de Matos tem a plena consciência d'esse drama que vive, d'esse desajustamento que existe entre a sua personalidade e o meio em que se acha condenado a viver. Ele reconhece que a sua sátira é uma fatalidade do seu destino.

Meus males de quem procedem?  
Não é de vós? Claro é isso.  
Que eu não faço mal a nada  
Por ser terra e mato artigo.  
Se me lançais mā semente,  
Como querem fruto limpo,  
Lançai-a boa, e vereis  
Se vos dou cachos óptimos  
Eu me lembro que algum tempo  
Isto foi no meu princípio,  
A semente que me davam.  
Era boa e de bom trigo.  
(IV — *Satírica*, pág. 184)

E em outra poesia:

## PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA

### CLASSICOS BRASILEIROS

#### I — LITERATURA

## OBRAS DE GREGÓRIO DE MATTOS

#### II — LYRICA



ALVARO PINTO, EDITOR  
(ANNUARIO DO BRASIL)  
RIO DE JANEIRO

Era eu em Portugal  
Sábio, discreto, entendido,  
Poeta melhor que alguns  
Douto como os meus vizinhos.

E chegando a esta Terra  
Logo não fui nada disto,  
Porque um direito entre tortos  
Parece que anda torto.

(*Idem*, pág. 200)

Deus me guarde não é mais do que o estribilho do Gongora — *Diós me libre*.

Os versos finais das estrofes da *Distribuição de Cornos*, são igualmente de Gongora. Ainda restam numerosas composições que lhe foram inspiradas (e não por ele servilmente traduzidas) de Quevedo. E acaso não haverá, em sua obra, outras numerosas fortes reflexões...

## IX — GREGÓRIO DE MATOS, EXPRESSÃO DO BRASIL

A poesia de Gregório de Matos mostra, em ilustrante, aquél momento em que se dá a primeira imensa miséria racial do Brasil. Nela se acham, em fusão e em confusão, as três expressões étnicas que vieram a formar o primeiro Brasil.

E o estilo do poeta, a maneira picarecosa e canácnica que ele se diverte em ver as coisas que cercam, atinge nesse ponto um colorido que nenhum outro poeta conseguiu depois. E o melhor exemplo disso é o famoso soneto *bi ou tri-lingue*, que aqui transcrevemos:

Há coisa como ver um Paisiá  
Mui prezado de ser Caramuru,  
Descendente do sangue de tatu,  
Cujo torpe idioma é Cobépá?

A linha feminina é Carimá,  
Miqueoca, pittinga, cururu,  
Mingau de paba, vinho de caju  
Pisado num pilão de Pirajá.

A masculina é um Ariocébá,  
Cuja filha Cobé, c'um branco Pahy  
Dormiu no promontório de Passe.

O branco é um Marão que veio aqui:  
Ela é uma India de Maré;  
Cobépá, Ariocébá, Cobé, Pahy.

E, afinal de contas, que representa tódo essa salmão flamejante e indignada de Gregório de Matos? Representa o primeiro monumento da consciência brasileira dessa consciência que acaso já se deseja livre, que já se sente acaso livre da colônia. E realmente o Brasil desse maravilhoso século XVII está já muito distante da metrópole europeia. Vêmo-lo na permanência em nossas terras americanas dos ódios contra os holandeses, enquanto nas terras europeias Portugal e Holanda trocam fálicos embaias. Vêmo-lo na permanência de luta contra os holandeses, luta mantida apenas por brasileiros, que levaram a cabo a libertação de Pernambuco, enquanto em Lisboa o que se quer é a entrega dessa capitania aos invasores, já senhores dela. E vêmo-lo, mais que em tudo, talvez, no maravilhoso exemplo da vida e da poesia de Gregório de Matos, poesia e vida que não em si uma total afirmação do Brasil, um grito de protesto em prol da liberdade do Brasil.

## NOTICIA SOBRE GREGÓRIO DE MATOS

(Cont. da 13.ª página) Formação — pág. 664. — Rev. Acad. n.º 81.

— Paranhos, Haroldo — História do Romantismo no Brasil — 1.º vol.

— Peixoto, Afrâncio — Editos e iméditos de Gregório de Matos — In *Obras* de G. de Matos — Edição da Academia (Sacra) — 1929.

— Perdigão, Henrique — Dicionário Universal de Literatura — pág. 138.

— Pires, Homero — Gregório de Matos, poeta religioso, in *Obras* de Gregório de Matos, edição da Academia (Sacra) — 1929.

— Pires, Homero — Revista da Academia de Letras da Bahia, junho a dezembro de 1932.

— Rebelo, Manuel Pereira — Vida e Morte de Gregório de Matos — Guerra, escrita pelo licenciado... — In *Obras* de Gregório de Matos, edição da Academia (Sacra) — 1929.

— Ribeiro, João — Gregório de Matos e Manuel Bernardes Fabordão — Cartas devolvidas — III.

— Romero, Silvio — História da Literatura — 1.º, 178.

— Romero, Silvio e João Ribeiro — Manual da História da Literatura Brasileira — 27.

— Teixeira, Mário — Revista Brasileira — 15-12-1896.

— Veríssimo, José — História da Literatura, 57. — Revista da Academia, n.º 7.

— Wolf, Ferdinand — Littérature Brésilienne — 17.

## UMA BIOGRAFIA DE CASIMIRO DE ABREU

Nilo Brusni, o poeta encantador de *Dona Lua* e de *Luar de Verona*, revelou-se ultimamente um dos mais sutis críticos brasileiros. Em artigos do *Jornal do Comércio*, fixou sé figuras ilustres de nossa poesia, como Alphonousa de Guimaraens, Júlio Salusse, Gilberto Amado, Homero Fratini, Aloisio de Castro, Valfreido Martins, etc.

Apasionando-se pela vida de Casimiro de Abreu, empreendeu longos estudos em arquivos públicos, em arquivos de cartórios e de igrejas. E o resultado dessas aturadas pesquisas foi uma revisão completa de fatos e de circunstâncias. Tem Nilo Brusni, a estas horas já completo, um estudo biográfico de Casimiro de Abreu, no qual os acontecimentos da existência desse grande poeta do nosso romantismo aparecem daquela em que até hoje o temos visto.

E portanto com justa curiosidade que aguardamos esse seu trabalho.

*Outro poema de Gregório de Matos*  
*que não pude publicar*  
*naquele dia*

Autógrafo de Gregório de Matos (Apud "Última", edição da Academia)

# A VIDA DOS LIVROS

MORAVIA, Alberto — *Os Indiferentes* — Tradução de Alcântara Silveira — Coleção Oceano — Instituto Progresso Editorial. São Paulo, 1948, 271 páginas.

Alberto Moravia é entre os autores jovens da Itália um dos que já conquistaram fama e glória. Ao lado de poucos outros — João Comissi, Artur Loria, Conrado Alvaro e Orio Vergani, é ele hoje o representante da bela e sonora prosa italiana. Alberto Moravia é o mais moço desse grupo. Nascido em 1897, Alberto Tincherle (que este é o seu verdadeiro nome) ainda não tinha trinta anos quando firmava, em sua pátria e fora dela, seu invejável renome.

Foi com efeito este romance — *Gli Indiferentes* — aparecido em 1929, que impôs a todos os leitores o nome do jovem Moravia.

A quem lê estas páginas uma impressão fica, profunda, dolorosa e revoltada: a impressão de que chafurdou por alguns momentos em um lamaçal tabudo e podre. Não é que Moravia pertence ao grupo dos escritores sujos ou pornográficos. Nada disso. Ele é, como escritor, discreto e fino, e percebemos que despreza os efeitos fáceis das descrições ou das narrações amorosas ou sexuais. Mas que pessimismo atroz o dele! Como a paixão moral dos seres humanos, vista pelos seus olhos, pintada pela sua pena, se torna mediocre, mesquinharia, sordida! Longe Carlyle, com a sua representação satírica dos homens como um rebento de porcos, da vida como um grande, um infinito cocho. Longe Anatole France, com a sua idéia de que a humanidade é um simples apodrecimento superficial do planeta. Pessimismo — mas pessimismo sem remissão — é aqui, é com Alberto Moravia. Toda a humanidade que se move em *Os Indiferentes* é pequenina, é vil, e só tem uma razão para viver e para agir: é a satisfação de um egoísmo móido e torpe. E assim Leo, o centro de toda essa história, o amante da mãe, que acaba conquistando a filha; e assim Clara, a menina que conquista para si o amante da sua mãe; é assim Maria da Graca, a mãe de Clara, fáci e dócil diante das mais difíceis situações morais. E é assim, sobretudo, Miguel, o pobre Miguel, tão frágil, tão consciente de sua fraqueza, tão incapaz de reagir contra ela, achando-se ridículo, sendo ridículo, toda a vez em que pretende operar contra ela qualquer reação.

Moravia parece ter tido neste romance a sua hora de maior realismo, de pessimismo mais atroz. Sua evolução de escritor parece se vir processando num sentido de mais caridade pelos seres que descreve, pelos ambientes que pinta. Antes assim. Ao final a leitura de seu *Os Indiferentes*, depois de nos termos indignado com a friesa tão egoística de Carla, com a abulia tão desprezível de Miguel, vem-nos à memória aquela meditação melancólica de Maeterlinck: "Si j'étais Dieu, j'aurais pitié du cœur des hommes."

\*

IVO, Ledo — *Ode ao Crepúsculo*. Pongetti. Rio, 1948. — 107 págs.

Ledo Ivo é um caso raro de fecundidade literária. Nasceu em 1924, e conta portanto apenas vinte e quatro anos. Nesse alvorecer de sua vida, já lhe deu cinco livros, sendo três de versos — *As Imaginações* (1944), *Ode e Elegia* (1945), e esta *Ode ao Crepúsculo*; e dois romances — *As Aventuras* (1947) e *O Caminho sem Aventura* (1948). Isto é apenas uma parte de sua atividade, pois ele escreve todos os domingos nos suplementos literários da imprensa carioca, redige dois ou três jornais, dirige uma revista

de estudantes na Faculdade em que termina o curso de Direito.

E toda essa força, toda essa energia, se contém num físico que aparenta ainda mais moçidade do que a de Ledo Ivo. Ele é um desses homens felizes que estão sempre na adolescência. Quem o vê, realmente, ágil, risório, desembaraçado, expansivo, pensaria antes estar vendo um colegial. Isto, no momento atual talvez lhe pareça desgradável. Mais tarde, se ele conservar esse privilégio, verá como lhe foram bons e amáveis os deuses...

Ode ao Crepúsculo é uma vasta, ardente sinfonia, e nela o poeta se agita em sua plena e indômita liberdade. *O tempo imita as ondas* — diz Ledo Ivo, iniciando essa imensa orgia verbal. E não é somente o tempo que imita as ondas, poderíamos dizer-lhe: é também a poesia. Pois nada mais semelhante ao movimento das ondas do que o movimento dessa Ode: ora crespa e altanada, ora doce e tranquila, ora blasfema, ora religiosa, ora densa de lubricidade, ora inocente como um sorriso de criança. E realmente uma grande orgia de palavras, de cores, de intensões. Basta dizer-se que a palavra *hora*, na segunda parte desta elegia, vem empregada cerca de setenta vezes! E isso somente em duas páginas do livro. Ledo Ivo adotou de uma vez o processo das repetições, e está dando quinhas em Augusto Frederico Schmidt.

E nessa enumeração quanta coisa profunda, trágica, ou simplesmente pitoresca. Vejamos algumas delas:

... Hora de dar corda no relógio — o tempo está em minhas mãos, estou opto a precipitar a noite...

... Hora de sorrir à gratidão do tempo nublado; de usar sapatos de borracha e editar o meio dia...

... Hora das provisões higiênicas; dos seios nus e dos movimentos isocronos...

... Hora em que o mês de abril é um guarda-chuva aberto...

... Hora em que os elejantes discutem o esplendor da canícula...

... Hora da escrituração mercantil, do sangue reativado, das músicas enureticas...

... Hora de cultivar os cogumelos da dúvida, de ser amordacado...

Citamos essas imagens, entre milhares de outras. Agora nos perguntamos: Será isso, realmente, essa catadupa de sons e de metáforas, a poesia? Ou a poesia não é, antes, medida, e ali viveu sempre dedicado ao estudo. Existe e con-

tinua, concentração, cristalização?...

\*  
SHAKESPEARE — *Macbeth. Rei Lear*. — Traduções de Artur Sales e J. Costa Neves. Prefácio de Artur de Sales. W. M. Jackson, Inc. Rio, s.d. (1948). 306 págs.

E dedicado a Shakespeare o volume X dos Clássicos Jackson, e traz duas peças: o *Macbeth*, na tradução de Artur Sales, e o *Rei Lear*, na tradução de J. Costa Neves.

As duas tragédias têm mais da mesma tradução para a nossa língua. Do *Macbeth*, sabemos da existência da tradução portuguesa de Domingos Ramos (Chardon, Porto); de uma brasileira, devida a F. Pinheiro Guimarães, que foi representada por João Caetano; de outra brasileira, a que se refere Onestaldo de Pennafort em sua edição de *Romeu e Julieta* (pág. 275) a qual vem sem nome de autor. Do *Rei Lear* sabemos da existência das duas seguintes (portuguesas ambas): de Domingos Ramos (Chardon, Porto, 1915); e a adaptação em 7 quadros e em versos de Júlio Dantas (Lisboa, 1905). Fragmentariamente, lembraríamos que existem trechos de uma e de outra traduzidas por grandes poetas nacionais, inclusive por Olavo Bilac. Como se vê, é muito pouco. Isto mostra que é urgente a criação em nosso país de uma sociedade Shakespeareana, a qual promova a tradução, com um critério uniforme, de toda a obra do máximo poeta da língua inglesa. Já temos, de resto, o trabalho muito bem iniciado: é difícil imaginar traduções mais perfeitas da que sejam aquelas que nos deram há alguns anos Tristão da Cunha, do *Hamlet*, e Onestaldo de Pennafort, do *Romeu e Julieta*. Se chegasse a ser fundada no Brasil uma Sociedade Shakespeareana, nos moldes que imaginamos e com o programa da tradução da obra integral do poeta, os dois trabalhos — o de Tristão da Cunha e o de Onestaldo de Pennafort — já poderiam ser adotados como modelos.

A tradução de *Macbeth* é em verso, e havia sido anteriormente divulgada na imprensa do Rio de Janeiro, e AUTORES E LIVROS, em suas colunas da primeira fase, teve ocasião de publicar-lhe uns trechos. Artur de Sales é um dos poetas mais representativos da Bahia nos últimos tempos, e ali viveu sempre dedicado ao estudo. Existe e con-

tinuará sempre a existir uma vasta, intrapontável barreira, que isolou os Estados do Rio de Janeiro. Essa barreira afastou o poeta dos meios literários cariocas, e por isso o seu nome não chegou a ter em nossos jornais e em nossos círculos a repercussão que era a sua dignidade nos seus reais méritos de poeta e de estudioso. A sua tradução do *Macbeth* revela aquele amor da mais exigente perfeição, que distingue os artistas.

## LIVROS RECEBIDOS

— Academia Brasileira de Letras — *Discursos Acadêmicos (1944-1946)* — Vol. XII. — 1948 — Publicações da Academia Brasileira — Rio de Janeiro.

— Encerra: Recepção do sr. Luiz Edmundo: I — Discurso do sr. Luiz Edmundo; II — Resposta do sr. Viriato Corrêa. — Recepção do sr. Rodrigo Otávio Filho: I — Discurso do sr. Rodrigo Otávio Filho; II — Resposta do sr. Pedro Calmon. — Recepção do sr. A. Carneiro Leão: I — Discurso do sr. A. Carneiro Leão; II — Resposta do sr. Barbosa Lima Sobrinho. — Recepção do sr. Viana Moog: I — Discurso do sr. Viana Moog; II — Resposta do sr. Alcino Amoroso Lima. — Recepção do sr. Peregrino Júnior: I — Discurso do sr. Peregrino Júnior; II — Resposta do sr. Manuel Bandeira. — Recepção do sr. Roberto Simonsen: I — Discurso do sr. Roberto Simonsen; II — Resposta do sr. José Carlos de Macedo Soares.

— Argutius — Revista bimestral publicada pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, Ano I, n.º 2 — Março-Abril de 1947. Diretor, José Simeão Lenz, 321 páginas.

— Azevedo, Fernando de — Professor da Universidade de São Paulo — *Canarins e Engenho na Vida Política do Brasil. Estudo sociológico sobre o elemento político na civilização do Açúcar* — Instituto do Açúcar e do Álcool — Rio de Janeiro, 1948, 243 págs.

— Corrêa, Roberto Alvim — *Antero e a Crítica. Ensaio Literário*. Livraria José Olímpio, Rio, 1948, 280 págs.

— Cadernos Dominicanos de Cultura, Mensário, Ano V, n.º 60 — Agosto 1948, vol. V.

— Encerra: Flárida de Nolasco — *El Momento Místico*; José Breil — *La Verde Sombra (Teatro)*; Mariano Lebrón Savinón — *Tres Poemas*.

— Cunha, Zurel — *Sombra no Coração*, s.l.n.d. (Cidade do Salvador — 1948), 139 páginas.

— Dantas, Olavo — *Damas da Noite do Amor* (Romance) — Capa de Osvaldo Teixeira —

— Irmãos Pongetti Editores — Rio, 1948, 225 págs.

— Dickinson, Roma H. — *História da Literatura Norte-Americana*. Coleção Minerva. História Literária, III — Tradução de Roimenes Barbosa — Instituto Progresso Editorial S.A. — São Paulo, 1948, 432 págs.

— Donato, Mário — *As Cadeias do Tio Vicente* — Continuação do "Sargeantinho" — Instituto Progresso Editorial S.A. — São Paulo, 1948, 127 páginas.

— Maio, Tadeu e H. — *O Colar de Sidera* — Editora Brasileira, Lida. — São Paulo, 1949, 268 págs.

— Matos, Valdemar — *A Bacia do Castro Alves*, Segunda Edição — Instituto Progresso Editorial S.A. — São Paulo, 1948.

— Mussolini, Raquel — *Mulher viva com Bento* — Coleção Meridiano, 8 — Instituto Progresso Editorial S.A. — São Paulo, 1948, 331 págs.

— Pimentel, Cyro — *Poemas* — Cadernos do Clube de Poesia — São Paulo, 1948, 34 págs.

— Reis, Ermal — *Em defesa do Congresso* — Comentários de Idas ao Microfone da Rádio Nacional, PRE-8. Rio, 1948, 16 págs.

— O.I.E. (Seleção de Notícias) n.º 22, Outubro, 1947 — Madrid, 11 págs.

— SBAT — *Bolsttim*, Ano XXVII, n.º 245. Dezembro de 1948. — *Marina Penna, o nerdadeiro criador do teatro brasileiro. Edição comemorativa do seu centenário*, 25 págs.

— Tabajara, Nelson — *Da Tabo do Arreia-Céu (A encruzilhada nacional)*. P.E.N. Clube do Brasil. Editora — Rio, s.d. (1948), 129 págs.

— Taunay, Visconde de — *Céus e Terras do Brasil. Viagens de Onitro*. *Priscagens brasileiras* — Edições Melhoramentos. São Paulo, 1948, 229 páginas.

— Flautier, Gustave — *Educação Sentimental* — Tradução de Mirinha de Lacerda Soares. — Edições Melhoramentos. São Paulo, 1948, 31 págs.

— Ferreira, Antônio — *Cardos Sorriva (Um Grande lirísmo)* — Laboratório-Vinces — Editorial Domingos Barreira — Porto, s.d. (1948), 115 págs.

— Soares, José Carlos de Macedo — *O Espírito do Iberismo*. Discurso Pronunciado no sessão solene em homenagem ao Embaixador João Neves da Fontoura na sede do P.E.N. Clube do Brasil. Ministério das Relações Exteriores. Serviço de Publicações — Imprensa Nacional, 1948, 12 págs.

— Soares, José Carlos de Macedo — *Santo Antônio, autor da Imitação de Cristo. Oração* (Continua na pág. 22)

# AUTORES E LIVROS

Propriedade de Mário Carneiro Leão  
ASSINATURAS

Assinatura anual com registro ..... Cr\$ 60,00

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7-12.º and. — 37-9527

## RIO DE JANEIRO, BRASIL

Distribuidor para todo o Brasil: Leônidas Lacerda — Praça Marechal Floriano, 55 — 2º andar. Fone: 42-5823.

Impresso nas oficinas da Editora Mory Lida.

• • •

## Assinaturas e numeros/ atrasados

As assinaturas podem ser tomadas nos seguintes pontos (além da redação):

— Avenida Almirante Barroso n.º 72, 13.º andar — Fone: 22-9081, ramal 20. Tratar com o Sr. João Pinheiro Neto.

— Av. Rio Branco, 4-18.º andar — Fone: 22-1931. Tratar com Eurico Cardoso.

— Faculdade Nacional de Filosofia — 4º andar. Tratar com Artur Farías.

NUMEROS ATRASADOS: — Volume IX em diante — nos dois últimos pontos acima e na redação. Volumes anteriores (primeira fase) — somente na redação.

# A SENTENÇA

Breno Accioly

Sem poder libertar-se daquela visão sentiu-se amotilado. Cansou-se de esfregar os olhos, de apertar as temporas mas tudo continuava enegrecido como dantes.

La estava aquele remorso a verrumar-lhe a consciência, a roubar-lhe o sono, chupando-lhe a face antes de torná-la lívida. Defronte estava a cama, o guarda-roupa, três malas de couro cru se alinhando de encontro à parede. Estava o lavatório com a sua bacia de louça. Estava a janela, onde tantas vezes ele ficava debruçado. Ainda estava o relógio, mudo ornamento, quebrado pelas suas próprias mãos como se essa brutalidade impedisse o tempo de marchar. Estava tudo isso e mais uma garrafa de cachaça, jogada no meio do quarto, vazia.

Major Tiopompo não podia distinguir nenhum desses objetos, nem mesmo vislumbrar o guarda-roupa avançar para o teto tabuas envernizadas, semi-aberto, enfriando casasões.

Se os ponteiros não estivessem quebrados, a pêndula poderia bater sincronicamente, emprestando um sinal de vida àquele silêncio de coisas mortas. Sim. Silêncio de coisas mortas pois a respiração do Major Tiopompo mal asecia a nariz. Era uma respiração frágil, fria como a de um peixe, lembrando a de uma pessoa que morre de velhice sem saber que está morrendo. Atingira o limite o sofrimento do Major Tiopompo.

Não era mais aquele desespero que lhe raiava os olhos de sangue, obrigava-o a entrecer os olhos para deixar escorrer uma baba que lhe envenenava o peito. Não era mais aquela inquietação enloquecendo-lhe os dedos, aquele suor lavando-lhe o rosto, colando a camisa aos cabelos do peito.

Comegava Major Tiopompo a sofrer plácidamente, sem nenhum gesto que pudesse denunciar a agonia do seu coração. Silencioso, mudo como uma pedra, apenas derreendo-se à mesa, o braço direito apoiando a cabeça, a mão esquerda na mesma paralisação de seu braço jogado para trás.

No outro lado da mesa um casticó empunhava um coloco de vela.

As pernas do Major Tiopompo jogando as botas para a frente, as esporas roçando os tijolos como se fossemões flancos de um cavalo.

Gradualmente deteve-se em todas as fases do desespero e, agora, seu sofrimento prostrava numa posição de bêbado, que nem dorme, nem sonha, nem se aproxima da morte. Tal como se se quisesse detê-lo numa fronteira que delimitasse esses quatro estados d'alma, apenas atingida por aqueles que experimentam o sabor do remorso. E era um remorso que judiava Major Tiopompo, obrigando-o a afastar-se da mulher, dos filhos, a esquecer-se dos netos, como se tivesse me-

do que alguém presentisse a causa daquelas três rugas que desciam pela sua testa.

Três rugas que surgiram na mesma tarde em que tóca Sant'Ana do Ipanema foi procurar Melânia.

Melânia, a morta, a desvirginizada aos 14 anos, a fétida Melânia que ainda estava de pernas abertas como quando fôr encontrada, três dias depois, no cipó do Padre Bulhões.

Melânia, de quem os olhos serviam de pasto aos urubus, de quem o nariz era um formigueiro, entrando e saindo formigas numa labuta sem fim. A Melânia, de peitos mordidos, de ombros mordidos, de becos mordidos como se aquele amor somente pudesse ser de dentadas. Melânia, a de vestido arrancado até a cintura, sem poder ver o clarão dos arcos, nem escutar que chamavam pelo seu nome, procuravam seu corpo que há três dias não era visto.

Foram os urubus que deram a pista. Se não fossem os seus revôos em direção ao capinzal, inútil festim de carneira, ninguém teria suspeitado e nada teria alertado a curiosidade de todos.

E então foi quase toda a cidade acendendo tochas de sebo porque no inverno o dia é curto. A meia lêguia podia-se ver urubus revoando, agourentos, aterrissando, colhendo em direção ao capinzal, ganhando em seguida o espaço, nutridos de carneira, digerindo estranhas podres.

Se o povo não caminhasse depressa nada mais encontraria senão uma carcassa de ossos, uma caveira, restos.

Major Tiopompo foi uma das testemunhas. Suspeitavam de Davino, o sacrifício. Encontraram no bauzinho de Flandres de Melânia doze bilhetes, todos elos de amor.

Para que melhor acusação se ali estava a letra de Davino jurando amor ardente, paixão de levá-lo ao suicídio se Melânia não o aceitasse por marido? Para que melhor testemunho se o anel de Davino estava numa caixinha de prata, na gaveta de Melânia? Se foi encontrado um décimo terceiro bilhete de Davino, suplicando a Melânia que pensasse bem, que não lhe rompesse o coração com aquela recusa? Para que mais provas?

Assim mesmo foram arrolados quatro homens que, de regresso às suas fazendas, por várias vezes viram Davino trilhando o capinzal, justamente onde Melânia era carne podre.

Uma dessas quatro testemunhas foi o Major Tiopompo; que nem pestanejou. Foi logo contando tudo, respondendo desembarrado, conteste, fez as perguntas do Juiz de Direito. Naquela noite uma garrafa de vinho do Porto ferveu-lhe o sangue. Dormiu sonhando com mulheres nuas, dinheiro estufando sacos de 10 arrobas, como Prefeito demitindo os inimigos, fazendo o diabo. Um grande.

Acordou mais disposto. Durante seis meses podia-

se ver o Major Tiopompo atravessar o largo da Igreja esporeando o "rumo", torcendo as pontas do bigode, arrancando do colete branco o "cebolão" que marcava as horas em algarismos árabicos.

Mas em junho uma trovoadas desabou. E a terra, esturcada, virou lama. Uma lama que escorregava dos morros, lambia as ruas como uma língua enorme. Uma língua que não tivesse tamanho, de um palmo de espessura, transformando toda Sant'Ana do Ipanema num stôleiro. Pingos grossos vazando telhas que, há meio século, serviam de chapéu. A chuva e a lama aprisionavam a cidade. Durante uma semana, cada casa era uma prisão.

Na Fazenda, Major Tiopompo começava a sentir uma tristeza amortecendo-lhe os nervos, torná-lo lento, moroso. As suas pernas não estavam inchadas nem inflamadas, as suas mãos, mas, ao andar, Major Tiopompo sentia-as chumbadas. Mesmo ao segurar a aça de uma xícara os dedos ardiam como se, em cada um deles, um pananário estivesse nascedendo. E veio a insônia que lhe tirava o apetite.

prostava-o durante todo o dia na cadeira de lona.

Nem a chuva, nem a lama tinham culpa daquela tristeza.

Longe de sua Fazenda, a trovoadas fazia estragos.

Apenas molhadas as suas terras se perdiam de vista, enraizando-se nas toucadas de milho, embranquecendo-se nos capuchos de algodão, dando selva a troncos que estendiam braços para frutificar pinhas enormes.

Qual a razão daquela sofrimento? Qual o motivo que o forçava a se distanciar dos filhos, da mulher, até mesmo do retrato que o espelhe da sala lhe podia oferecer?

Aquela depressão aniquilou para sempre quando se viu forçado a trepar numa cadeira e enlutar o espinho. Agora sim. Podia passar de frente dele, olhar, cansar-se de ficar olhando-o porque, então, sem nenhuma luz, estava empretecido naquele pedaço de pano.

E Major Tiopompo sentiu os lábios se abrirem, por um instante adocicados. Terrível engano!

Não demorou aquele remorso a recrudescer, a agravar, de lado a lado, a cada

beça, numa repetição de marteladas como se compriados pregos estivessem sendo batidos. Doloroso! Horrible!

Esteve a ponto de gritar pela mulher, chamar os filhos. E no meio deles lavar aquela nódoa, desabafando tudo! Desabafando sem omitir nenhum detalhe, para que todos ficassem sabendo como seu pecado era negro. Depois, cair de joelhos diante da mulher, pedir-lhe perdão, enxugando as lágrimas em sua saia. Desfalecer. Pedir a morte.

Porém o Major Tiopompo estava sem fôlego, fraco demais para poder soltar um grito. Antes de cair tentou agarrar os ferros da cama. Tombou pesado como um fardo, ficando durante a noite estendido no chão, lembrando um homem que houvesse recebido um tiro nas costas.

Acordou tarde. Sol alto. E tremendo foi o seu esforço para conseguir arrastar-se até à mesa, ficar deitado na cadeira, as pernas para um lado, os braços para outro.

Naquela dia Davino iria ser julgado.

As duas da tarde o Juiz

(Cont. na página 23)



procurem  
NAS LIVRARIAS  
OS GRANDES  
ÉXITOS  
DO "IPÉ"!

3 — GRANDES — 3  
HISTÓRIAS DA LITERATURA

Agito Momigliano  
"HISTÓRIA DA LITERATURA ITALIANA"

Uma obra viva, de pura imaginação criativa e uma das mais inteligentes e ousadas tentativas de interpretar a história de uma literatura como criptado puramente estética. — Cr\$ 32,00

Paulo Chotekowski  
"HISTÓRIA DA LITERATURA RUSSA"

Panorama completo das lettras russas, esta obra focaliza a complexa psicologia russa e nos esclarece sobre uma das mais impressionantes manifestações literárias da história. — Cr\$ 35,00

Thomas H. Dickenson  
"HISTÓRIA DA LITERATURA NORTE-AMERICANA"

Trata-se de uma completa e atualizada história da literatura estadunidense desde suas origens até as modernas expressões de Faulkner, Saroyan, Hemingway, Henry e outros.

— Cr\$ 40,00

Uma  
interpretação  
d e'  
MUSSOLINI  
p or  
RAQUEL MUSSOLINI

"MINHA VIDA  
COM BENITO"

... uma trágica mulher que não ambiciona escrever um documentário mas simplesmente a história de uma vida, de um casal, de muitas aventuras e muitas tristezas. Cr\$ 40,00

O LANÇAMENTO SENSA-  
CIONAL DE DEZEMBRO

Pelo Reembolso Postal  
IPÉ - Cx. Postal, 5521

São Paulo

Nome \_\_\_\_\_  
Título \_\_\_\_\_  
Endereço \_\_\_\_\_  
Cidade \_\_\_\_\_



"SÃO PAULO"

COMPANHIA NACIONAL  
DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 10.<sup>o</sup>

DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker

Dr. Erasmo Teixeira de Assunção

Dr. J. C. de Macedo Soares

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

## Segunda Série — Antologia da Prosa — XXVI - CELSO VIEIRA



Celso Vieira

### MARAVILHAS DO INSTINTO

Como os elogios fossem apenas, entre os juízes daquela roda intelectual, para a inteligência destra e sagaz, atuando mecanicamente no espaço, lembrou alguma das maravilhas do instinto, que é a própria natureza vigilante, desde o topo embrionário até à plenitude orgânica das nossas adaptações. A trepadeira ascendendo em busca da claridade, a orquídea atraíndo os insetos à obra fecundante do polen, a raiz desvianto-se à cota de alimento são poderosos instintos vegetais. De que profunda milenária não vêm elas, reinando sobre as espécies, por destino dos genes ou fixação hereditária de movimentos úteis aos indivíduos?

Um estudante de filosofia suspirou:

Lembremos o suave Bergson, meus amigos. Se o instinto pudesse refletir, diz o mestre, na "Evolução criadora", o alvorecer dessa forma de conciência daria ao pensador a chave dos segredos últimos da vida. Mas a realidade instintiva é agir, somente agir...

E a vida continua, obtemperou alguém, a propósito dos mesmos enigmas desesperadores à filosofia bergsoniana, enquanto as abelhas e as formigas, zombando talvez das cigarras, acadêmicas do Colégio de França, perpetuam coletivamente assombrosos, organizações monumentais.

O apologista sábio do instinto, leitor de Fabre, interveio com displicência:

Basta. Esses devaneios da metafísica sobre o instinto são desagradáveis, por absurdos. Vejamos o assunto à luz da História Natural; consideremos, através do nosso perfeito senso objetivo, os himenópteros paralisadores, a minúcia e delicadeza com que elas ferem, cirurgicamente, os centros nervosos das lagartas, das aranhas, dos grilos, dos escaravelhos, sobre os quais desviam. Assim os deixam imobilizados, mas vivos, para alimento das suas larvas, que em outras condições não evoluíram. Raros são os enganos, raríssimos, e ante a Scolia ou o Splex tem fortes raízes a cirurgia humana para guardar os ferros no estômico, perturbada e corando... Sejamos leais entre os insetos. Quantas celebridades médicas não invejam a perfeição operatória das vésperas?

Então celebramos, à porfia, toda a exuberância e toda a agudeza do instinto maravilhoso em algumas espécies animais. Se a inteligência muniu o homem de instrumentos com que ele calcula as distâncias ou se põe a rumo, sem instrumentos fazem viagens muitas longas os pássaros e os peixes, guiados só pelo instinto. A nidificação descoberta uma série de tipos arquiteturais e ornamentais, variando conforme as estações, a latitude, o clima, e na diversidade, na espontaneidade mesma desse labor, Michelet assigna com os Réaumur e os Huber, extasiado, um claro discernimento ou aquela instinto-milagre, capaz de se amoldar ao infinito sempre mutável das circunstâncias

#### CELSO VIEIRA

e dos acasos. Só o homem renunciou, intelectualizando-se depois da caverna, para ser mais feroz, ao poder sub-consciente e miraculoso.

O divórcio entre o homem e a natureza, advertiu na roda um pintor de costumes gauchos, não é absoluto como dizem. Vive-se ainda belamente pelo instinto, mesmo em países cultos. Já ouvistes falar do "rastreador"?

Silenciaram todos, aguardando a revelação do compatriota. Este sorriu, elucidou:

Nada mais nada menos que um tipo do "Fandango", de Sarmiento, ainda hoje conservado entre as figuras características e tradicionais do pampa argentino. O "rastreador" supera em telomia um "detetive" da agência Pinkerton e no faro deixa vencidos os próprios cães policiais de Berlim, tão diferentes dos nossos, adquiridos pelo fidalgo general Souza Aguiar. E o instinto da caça humana elevaro à potência máxima. Dickens, se o conhecesse antes da famosa página de "Oliver Twist", descrevendo esse ramo da arte venatoria, não deixaria, por seu turno, de lhe seguir o rasto literário em trinta ou quarenta páginas imortais.

— Adiante.

— Um gaúcho "malo" assassinou outro num rancho,

sem testemunhas, à noite, e val estrada fora, certo da impunidade, usobiando ao luar. Muitas horas depois, ao amanhecer, chega o "rastreador", examina o local, desobre um vestigio, e marcha silencioso para seu campo de operações — a uniformidade sem raias da planura verde. Por serras, pastagens, horas, vilarejos, pontes, vai ele jorando imperceptível, durante semanas, meses, anos, até que um dia esta ca a porta de uma casa, entra, aponta um homem à justiça, dizendo tranquillamente: "aqui está o assassino". E o criminoso tudo confessa.

— Admirável para as novelas de Sherlock Holmes.

— Existiu na província argentina um "rastreador" infatil, Calizar. A despeito de todas as simulações,

todos os disfarces, todos os esconderijos dos réus evadidos, esse homem lhes de-

terminava a passagem e o rumo por um galho quebrado, uma impressão plana entre mil outras, alguma herva borrida, à margem de um arroio. Calizar é da época de Sarmiento, mas não esquecerá o caso atual da senhorita X..., filha de estancieiro, que havia perdido na véspera do Pampa um anel. Foi chamado o "rastreador", e ao calar da noite partiu, sozinho, a procura da joia. Três dias esteve ausente, rojando no Pampa como se fôr uma serpe, mas trouxe, afinal, o objeto precioso. Sabeis como o tinha achado? Nas águas de um córrego distante. Que soberba vitória do instinto!

— Que faro! disse-lhe outro. Mas pelo "rastreador", serpeando através do Pampa, não somente podemos oferecer o "cavador"

ção, na moral, na ciência, nos costumes, nos atos da vida quotidiana, desprendem cada vez mais o homem da zona instintiva, feita de simpatias e prazeres.

— Consolai-vos, amigos, retorqui o filósofo, que voltara insidiosamente ao bergsonismo. Alguém dia, confirmando Henri Bergson, "o instinto desinteressado, consciente de si mesmo, apto enfim para refletir o seu objeto e se alargar, sem limites", o instinto fazendo-se intuição, nebuloso ainda, mas revelador, abria outras portas ao sonho e outros impérios ao saber. A facultade estética, apreendendo "a intenção de Vida", é já um relâmpago na sumidade nevoenta, a primeira forma de conciência do instinto, acima das percepções normais, e vós, artistas, sois os grandes instintivos desse momento universal. Vós conhecereis fôrça da Inteligência, para empregar a linguagem da mestre adorável, e o esplendor supremo do instinto é a obra de arte.

Iamos separar-nos envaidecidos, quando o mais idoso da roda comentou:

— Da animalidade à metafísica não foi pequeno a viagem. Esquecestes na vossa logomáquia, porém, o instinto das coletividades nacionais, a sagrada fôrça que nos vai despertando inconscientemente para a defesa. Se há maravilha no instinto, é a dessa reação contra o pacifismo intelectual, cujo veneno immobiliza o nosso Brasil, atacando-lhe os centros nervosos, como fazem os grilos os himenópteros paralisadores, descritos nôs "Souvenirs entomológiques" de Fabre. A esse instinto devemos submeter dignamente a nossa inteligência.

#### BIOGRAFIA DE CELSO VIEIRA

Nasceu no Recife, a 12 de janeiro de 1878, é filho de Rafael Francisco Pereira e D. Marçonia Vieira de Melo Pereira.

Faz os preparatórios no Ginásio Paixão Leme, do Pará, e estudou Direito na Faculdade do Pará e na do Rio de Janeiro. Exerceu os seguintes cargos:

Auxiliar do Chefe de Polícia do Rio de Janeiro, de 1907 a 1919; Diretor do Gabinete do Ministro da Justiça, de 1919 a 1920; Secretário do Tribunal de Apelação do Distrito Federal, desde novembro de 1920; Delegado junto ao Centro de Estudos Americanos em Roma. É sócio fundador da Academia de Letras de Pernambuco; sócio correspondente do Gabinete Português de Leitura do Recife e honorário do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro; sócio da Academia das Ciências de Lisboa.

Foi eleito em 20 de julho de 1933 para a Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Santos Dumont. Foi presidente dessa instituição em 1940. É comendador da Ordem de S. Tiago de Portugal.

Tem colaborado nos seguintes jornais e revistas: "O Diário", "Diário do Comércio", "O País", "Rio-Jornal", "Jornal do Comércio", "A Noite", "Kosmos", "Revista da Semana", "O Cruzeiro", "Ilustração Brasileira", "Revista da Academia Brasileira de Letras" (todos do Rio); "A Província" (do Recife); "A Província do Pará" (Belém); "A União" (da Paraíba); "Correio Paulistano" (de São Paulo), etc.

#### AVISOS:

— *Venus Canônica*, em 3 capitulos, na revista *América Brasileira*, ed. de 1923.

— *Evolução do pensamento republicano*, ensaio publicado na obra *A margem da República*, ed. do Anuário do Brasil, 1924.

— *A ferro e fogo* (conquista do Guairá), trabalho dividido em 6 capitulos, ed. do *Pois*, 1927.

— *Carola Joaquina*, em 10 D. *Jodo VI*, o fundador, tese incluída no X vol., tomo II, 2.ª série, 1.ª parte, do *Congresso do Mundo Português*, ed. de 1940, Lisboa.

Outros estudos publicados na "Revista da Academia Brasileira de Letras":

— *Medeiros e Albuquerque*, 1934.

— *Martins Júnior*, 1934.

— *Coelho Neto*, 1934.

— *Rocha Pita*, 1938.

— *Arte de Enrique Larreta*, 1943.

— *Alcides Mayá*, 1944.

— *O autor de César (Grava Aranha)*, 1944.

— *O segundo Roosevelt*, 1946.

Discursos e Conferências — Na Academia Brasileira de Letras:

— Discurso de recepção em 1934" (I — Tobias Barreto;

II — Graça Aranha; III — Santos Dumont).

(Continua na pág. 24)

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

## Segunda Série — Antologia da Prosa — XXVI - CELSO VIEIRA

### O Ocio das lindas mãos

Celso Vieira

As tuas mãos indolentes, amiga minha, são modelos de arte e de ocio, que ninguém sabe se andam ou se dormem, pelos caminhos veludosos da mulher e do áspide, na lentejola com que passam, na languidez em que vivem. São como duas gêmeas quietas e adoráveis, filhas de uma preguiça lendária. A mais feia espécie animal, simbolizada em tuas mãos, parece ter produzido a mais linda espécie do mundo.

Quando o sol martela no zênite a hora candente do trabalho, meio dia, a manicure vem acordá-las para o banho, colorir-lhe o esmalte das unhas, recortado em lunulas, semelhantes às pétolas, de que se ornam os dedos. E elas acordam, esprequem-se, buscam a topídez cheirosa da água tateiam devagar, entre iombos e espelhos, a linha cíndrica do teu corpo, a onda negra do teu cabelo, flamas de seda, névoas de seda. Que enlevo e que fadiga!

Molemente, arrastam-se depois à mesa, para o grão dourado e fumegante de cada dia. Vagamente, depois, manuseiam alguma revista de modas, o escrínio das joias, um álbum de retratos ou de tolices, uma cesta de vime, onde colecionam bagatelas. Erram nos móveis finos de laca, pendem nas almofadas de veludo, sobem aos jarros, em que se exilia e se desfolha a magestade imperial dos cravos de Petrópolis, mais uma vez dormitam sobre as páginas do livro, que te reflete e posse, tagarela como a tua língua, estéril como o teu seio, vazio como o teu coração.

Aquecidas por um beijo do sol, estremunhadas, saem agora de cada para o jardim, onde aplaudem a cigrarra, que tanto bala, desprezas a formiga, que tanto lida a teus pés. No artifício dos renques e dos tutos orvalhados essas mãos afluem borboletas, visitam a concha de mármore dos grandes cíes, alvos e réguas, indiferentes à tua passagem. Leda. Semi-mortas de cansaço, voltam de passo as duas irmãs ociosas, e então, se a direita busca um dedal intacto, para bordar, ou uma pena virgem, para escrever, logo a esquerda protesta: "Não faças tal. Repousemos". E as duas caem, inéries, no relevo macio das teus janelas.

Mas nem as pajunhas, flores do opio e do sono, dormem eternamente, sacudidas pelo vento irascível. Assim, quando pousas os cotovelos no rebordo estreito da janela, cuido ver agitadas por elas as tuas mãos, pálidas flores sonolentas, cuja imobilidade exaspera a tua inquietação. Olhas a terra. Nada sentes. Olhas o céu. Nada te diz. Que tédio! cansadamente, fechas de mano a janela. E outra vez arqueias os braços nus, bocejas, miras-te ao espelho, compões um sinal da face, uma dobradura do vestido, um caracol desfeito. Que tédio! Se as tuas mãos acondessem, ao meios, o cigarro egípcio de

Tortola, a dançarina louca, e nas volutas caprichosas de fumo azulado vissem entorpecer o lotus do sonho oriental... Se as tuas mãos cressem, ao menos, um pouco de harmonia sobre o tecido...

Vamos lá, preguiçosas, vamos aformentar os vizinhos ao piano. Fremem as teclas, sóam as cordas, e ao contacto dos teus dedos, o esfúvio das palmas em cujas linhas foi traçado o teu destino suave — dormir —. Glück resvala num torpor musical, o estrepito Listi, cascaia e a dormece. Brahms, desfalcado, mergulha no seu arroio lacteo, Chopin flutua e desmaia no seu halo noturno. Embebidas nesse perfume, quebrantadas por essa indolência, as horas não voam mais somo ilícides: vagam como sonambulas. O' infeliz preguiça, que adormentas a própria música infeliz! Mensageiras do ocio, do sono, do nada, as tuas mãos envolvem, aniquilam na mesma letargia o que elas tocam.

De qualquer modo, porém, são tuas, e não de servir para alguma coisa à sua dona gentil. Se outras mãos labiosas te vestem, é fórmica que elas transportem a boá e o lóque, embora a contragosto, no cinema, no teatro, no hotel, nos recantos mais ou menos umbrosos do teu Eden, onde não há frutos proibidos nem coleras darejantes ou espadas de lume. Sem ideal, sem vigor, sem paixão, danças mais um tango, mais um dia, mais uma noite... Porque tu és apenas, vivendo e bailando, o contorno e o momento da forma transitoria, o desejo das colas scintilantes e pueris, a alma rudimentar e vaidosa, encerrada num breve casulo de seda.

Enfim, à noite, despreendendo-se do "rouge", do espelhinho de prata, do pó de arroz — o pó que sempre foste e hás de ser —, as tuas mãos depõem a bolsa, deixam o lóque, num gesto de enfado irresistível. Só duas vezes pecaram contra a arte nua de Phidias: encalço luvas. Podem agora dormir com serenidade, até ao meio dia, essas mãos fatigadas, que não socorem um pobre, não levaram uma criança, não levaram a Deus uma flor, apenas urdiram frivolidades, ornatos efêmeros do tédio.

O ocio das lindas mãos continua... E dizer que outras nasceram igualmente belas, mas foram pregadas na sua cruz, em silêncio, pela miséria implacável. Sentir que elas doem e sangram — mãos de operárias, de escravas, de matriarca — para a evidência farfalhante do goso e do luxo... Saber que nunca dormem na prece dos cláusulas, na sombra dos hospitais, à margem dos campos de batalha, outras mãos religiosas e incansáveis... Não lhes conheces o esforço, a caridade, o sofrimento. E são todas essas mãos de mulher, vigilantes, madrugadoras, anônimas, doloridas no seu cativeiro, deformadas pelo seu trabalho, que te fecham a porta de ouro do céu, amiga minha.

A idade pesava sobre o rei David, enrublando-lhe os olhos ardentes e sonhadores, entorpecendo-lhe as mãos rugosas e trémulas, que haviam sido tão destas no volcão da funda e na pulsão melódica da harpa. Já lhe era um tormento deixar, mesmo ajudado pelos escravos, o leito de ouro e de cedro; era-lhe já impossível, mesmo conduzido por sacerdotes e capitéis, subir os degraus reluzentes do trono. Porque viam os dias cada vez mais lugubres, determinaram os conselheiros e camaristas buscar-lhe uma virgem, misto de flor e de chama, para lhe aquecer as mãos inéries, alegrar os olhos enevoados. Trouxeram-lhe a maior beleza virginal do reino, Abisag de Sunam.

Oras os dois príncipes rivais, Adonias e Salomão, filho este de Bethsabé, aquél de Haggith, e ambos filhos do rei-poeta, conceberam pela divina Abisag um amor invencível, capaz de todos as loucuras bíblicas — o grande amor judeico e sanguinudo da casuística com elocuencia a procurar David, reacender-lhe a memória bruxoleante.

Assediado pelas súplicas, pelos afagos da tentadora de outros dias, o monarca dos salmos ordenou que Salomão entrasse a mula real, seguisse para Gilion, e ali fôrce ungido sem demora no tabernáculo. Soaram as trombetas, o povo de Israel e Judá conclamou:

— Viva o rei Salomão!

Estrondeavam por toda a cidade os clangores e as ovacões. Presenteando a ira do novo rei, os convivas de Adonias empolideceram, fumigaram...

Louco e branco de terror, o príncipe correu para o santuário vizinho, aferrou-se ao chifre que se retorcia, venerável, sobre o altar de Jehovah. Era o direito cônico e sacro do asilo, entre os judeus. Tremendo como as varas verdes do Líbano, sacudidas pela rajada, o príncipe não largaria o chapéu, enquanto não lhe trouxessem o induto.

Decifrador de enigmas, não tardou Salomão em decifrar o daqueila espingarda: só um rei possuiria Abisag. E tão penetrante foi Adonias, que se fez logo notar pelo seu aparato e pela sua arrogância, como se as doze tribus o houvessem proclamado senhor de Israel e de Judá. Insolitamente, adquiriu esplêndidos coches reais, ajeitou um séquito oriental de possantes cavaleiros, e ao sair para a caça era precedido, anunculado por cinqüenta batedores, que ao mesmo tempo corriam e clamavam:

— Deixaí passar o rei Adonias!

Como o velho pai não o repremisse, perdoando-lhe a audácia do feito pelo donaire do tipo, não ele arquitetou com os chefes da sua facção, o general Job e o pontífice Abiathar, um pronunciamento sob a forma de banquete. Junto à pedra de Zobeleth, sentaram-se os convivas, na sua maioria homens de armas, e profusamente beberam sobre o desmoronar das virtudes, que ali fumegavam: carneiros, novilhos, aves gordas e tenras. Cada libação terminava por um grito sedicioso:

— Viva o rei Adonias!

Para esse ágape não foram convidados os sacerdóciros de Salomão, entre os quais se destacavam o profeta Nathan, homem de barba infinita e voz reboante como todos os profetas, e o guerreiro Baniás, filho de Joás, um dos trinta e sete valentes do reino, maestro de atletas egípcios e de lóios fainhantes. Durava ainda o repasto, quando o pro-

feta Nathan segredou a Baniás:

— Ou fazemos Salomão nosso rei, agora mesmo, ou estamos perdidos. Adonias mandará trespassar-nos à lança, por intriga de Abiathar e de Job.

O caçador de leões, erguendo os punhos, teve um bramido tanto doloroso, que as próprias feras estremeceram no antro. Mas o homem das profecias não ignorava a escolha feita por David em segredo, o juramento do velho rei à Bathsabé, cujo filho, depois dele, e como ele assentara desde muito, deveria soberanamente reinar. Deslizando até à Câmara de Bethsabé, nas sombras do pago, narrou-lhe o que soubera da conjuração, do execrável festim de Zobeleth, e persuadiu-o com eloquência a procurar David, reacender-lhe a memória bruxoleante.

Assediado pelas súplicas, pelos afagos da tentadora de outros dias, o monarca dos salmos ordenou que Salomão entrasse a mula real, seguisse para Gilion, e ali fôrce ungido sem demora no tabernáculo. Soaram as trombetas, o povo de Israel e Judá conclamou:

— Viva o rei Salomão!

Estrondeavam por toda a cidade os clangores e as ovacões. Presenteando a ira do novo rei, os convivas de Adonias empolideceram, fumigaram...

Louco e branco de terror, o príncipe correu para o santuário vizinho, aferrou-se ao chifre que se retorcia, venerável, sobre o altar de Jehovah. Era o direito cônico e sacro do asilo, entre os judeus. Tremendo como as varas verdes do Líbano, sacudidas pela rajada, o príncipe não largaria o chapéu, enquanto não lhe trouxessem o induto.

Magnânima foi a sentença: Adonias es induzido por essa vez, mas pagaria a sua primeira malédica com a própria vida. Como o filho de Haggith, sequeando, viesse beijar-lhe o degrau chürneo do trono, Salomão desviou daquele a humildade os olhos fulgurantes, disse-lhe apenas com secura:

— Vai para tua casa.

Pouco depois, finou-se tranquilamente David, enterrado a velha paixão criminosa de Bethsabé e o lindo amor intacto de Abisag.

No penumbra do seu retiro espicavam Adonias, instigando-o à revolta, o pontífice Abiathar e o general Job. Como podia ele, o herdeiro legítimo do reino, abandonar conscientemente os seus fôrões, as suas ambições, os seus amigos? Não tinha ele a preferência do exército, acastelado nos muros inexpugnáveis? Dele não eram as afeições e os aplausos do

povo? Coragem, pelo Adonis! Erguido pela Vitória sobre o teu carro de guerra, esmagarás os filisteus e ceteros de Baneias, destrobarás o impudente e arrogante Salomão.

Assim falavam os dois conspiradores. Passivo e cabuloso, entretanto, Adonias silenciava, quase não ouvia as palavras muradas, violentamente desideradas como se fossem desdutos. O seu desejo voava para Abisag de Sunam, a primeira graciosíssima e estébila do jardim real.

Não logrando romper-lhe a mudez, capturá-lo para fins políticos a elas distante, fechada num bôco impenetrável de gelo, o pontífice recomendava um saracismo:

— E' incompreensível o teu medo. Sempre haverá um chifre a que se agarre na Judeia um príncipe rebeldes.

Adonias continuava a reflectir no silêncio das horas, freamentes e inócuas como tentativas de um vôo encarcerado. Salomão era forte, sábio, justo; devia reinar sobre os homens com a voz dominadora, o lampejo dos seus olhos de aguia. Mas devia ceder-lhe, por isso mesmo, o poder de Inz na terra — Abisag de Sunam. Porque não faltariam a Salomão esposas e concubinas entre as filhas de Jerusalém, graciosas mulheres de outro clima e outro sangue, egípcias, moabitas, idumeias. E ele, Adonias, sacrificando-lhe o direito de primogenitura, as suas esperanças e reivindicações.

(Cont. na página 24)

### CONTRA O FEMINISMO

CELSO VIEIRA

Apenas uma idéia me conforta: é que o feminismo não vai extinguindo cada vez mais a beleza entre as mulheres, e cada vez mais regredindo, pelas, o desejo dos homens como insinuou aquela mesma seculóloga Gina Bertolini, ao exhibir uma série de fotografias horrendas — alheias em que o outro sexo havia perdido todas as graças, virilizando-se brutalmente sob a lâmina dos nossos ofícios e das nossas preocupações. Enfim, se a nobre terra sem céu, na de fugir com espanto a todos, levando e carregas transbordantes de rutilas frechas, para sempre imóveis. A mulher, se pelo céu fogo não tornar-se necrótica, e passar no sonho das adolescências, intoxicadas pelos romances de Béci. Exondecidas as ilusões, os clarins sonharam estreitamente que se aproxima o reinado da mulher de armas, tão diversa de Afetina e de Aspásia — a inarticulada insensível mulher de ferro das épocas vindouras.

O Semeador

*ao ilustre amigo e amigo  
Mário Leão  
com tribunaça afetuosa  
Celso Vieira  
Autógrafo de Celso Vieira*

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

## Segunda Série — Antologia da Prosa — XXVI - CELSO VIEIRA

### RAINHAS DE BATALHAS

### SANTOS DUMONT

CELSO VIEIRA

CELSO VIEIRA

A lança e a espada reinarão júdamente nos combates singulares ou no choque das massas guerreiras até ao prelício de Azincourt, onde os mosquetes de Henrique V, abastando à cavalaria francesa os penachos mais ondulantes e gloriosos, deram começo ao império marcial dos explosivos. Era a primeira demonstração mortífera, em sucessivas descargas, do invento fradeesco de Schwarz — a pólvora. O que pode inventar um frade alemão no seu retiro, entre a imagem do Senhor e o brevíario.

Para os maléficos que sofreram da forja de Tubalcain — oficial de martelo e artífice em tóda a qualidade de obras de cobre e de ferro, como lá diz a Bíblia — não sobejam volumes a História. Para as desgraças que vieram da oficina de lavas do Etna, onde Vulcano aprestava encoroadas bêlicas a heróis e deuses, não remanescem túboas à Cronologia. Mas tódas as forjas, reboando, todos os vulcões, reacendendo-se por atualizar os mitos siderúrgicos, teriam quase enevoados o prestígio das suas chamas, quase emudecidos a potência do seu frigor, ante calamidades novas que deflagram na cela de frei Schwarz.

O reino da lança e do gládio, ainda que este não deixasse de simbolizar o comando — realidade tão diversa de uma e de outro com os seus mapas e telefones! — findava depois de Azincourt nos poemas, nos cancioneiros, nos romances. logo se esvaiam no fumo dos encontros decididos já pelo canhão. Ao tempo das raspadias de Homero, límpido e sonoro tempo das armas brancas, seguia-se o das armas negras — o que havia de explodir, afinal, com as imprecções hugoanas, a um caixão montado para o batismo de fogo, em 70, sob o nome de Victor Hugo. Vai, fere, mata, arrasta! bradava o poeta, à fera apocalíptica, dardejando os seus alexandrinos contra a marcha dos uhlans, que assediariam em breve Paris. Outros canhões venceriam, não este, infotundamente para Hugo e para a França, mas o gênio francês deixava consagrada na epopeia dos nossos dias a arma negra. E alinhados sobre carretas, em baterias, ou avassalando os mares na blindagem das torres giratórias, os Krupp e os Armstrong sobrancearam alturas de Olimpo, entre o orgulho e o terror dos povos.

Reis da era mecânica e explosiva, cujos ideais alternam com as suas ambicões e atrocidades, eles derribam, fulminam, esborram, descrevendo e ampliando a trajetória de um poder ilimitado. Mas, na batalha incomparável do Somme, nesse clarão de mil incêndios a lavar como nenhum outro em plena História, por abismos onde o passado e o futuro combatem, não detiveram elas a soberania trovejante. Versão dos correspondentes ingleses, sob a tempestade, é que as rainhas da batalha foram as metralhadoras, acionadas pela energia de musculatura e de alma dos "tommies" até o cansaço extremo, em que

lhes pendiam os braços, inéries e doloridos.

Com os seus léguas de varetas metálicas, os seus pentes de bolas, correndo ao sol da primavera por aldeias, cidades, ruínas ensanguentadas, sobre montanhas de cadáveres, elas passam, reluzem, desfchem a morte, sibilantes e ávidas, num turbilhão de fogo em que circulam dragões e sárrios fabulosos. Na disforme, repelente anatomia industrial da guerra, desde os obuzeiros a os "tanks", só essas máquinas fulvas, leves, girando por trincheiras como aparições de um só instante, disputam aos aeroplanos o esmero das linhas, a surpresa dos lances, a mobilidade aérea e fácil. Pousam na terra impregnada de gases venenosos ou liquefeita em sangue, mas não se prendem ao solo revolto, e da fusão inicial diríamos que trouxeram aligo, a brilhar entre cinzas, afora um pouco de velocidade imponderável com que veicem distâncias a luz e o som — luz de álvordas triunfantes, som de clarins em marcha...

Assim deslismam, terríveis e fatais, as metralhadoras inglesas, que a História sagrou ardenteamente rainhas de batalha. Depois das Amazônias, concebidas pela antiguidade helenística, e das Walkirias, ideadas pela antiguidade germânica, reaparecem a perspectiva da guerra em contornos femininos. No horizonte dos mitos, nevoento ou lúcido, eram visões fugitivas as senhoras do combate; hoje, são máquinas destruidoras, glorificadas pela necessidade humana de embalar o círculo apavorante, insondável nas suas flamas, introduzível na sua clamor.

O espírito, como a espécie, tem obedecido a uma lei de fecundidade e renovação alegorizando a Vida em símbolos femininos: as horas para o tempo, as forças para a natureza, as leis para a ciência, as musas para a arte... Dominadas ou graciosas, tais conceções envolvem a substância das próprias coisas, a essência dos próprios seres. Que milagre esperamos dessas rainhas fatais, erguidas e cordadas sobre o aniquilamento, em que ora se alarga o reino intangível das sombras?

Divisando-as por entre flores e chamas de primavera, lembramos o fúror dilacerante e indomável das Erínias, reaparecendo agora, multiplicadas vertiginosamente, para de novo perseguir e atormentar milhões de criminosos. Filhas da noite, vampírias, depois de haverem simbolizado a Aurora na lenda remotíssima das arias, elas guardavam o culto da família, da lealdade, da justiça, das tradições, e onde fossem violados esses princípios ou sentimentos, a sua ira desacalmada bramia com a fereza implacável que aterrava os bons e os maus, arrancando ao gênio de Escílio o pavoroso anátema: ecaelas infernais!

Como as Erínias, mordendo e rugindo entre novelos de serpês, violentamente perseguem abomináveis crimes as rainhas-guerreiras, servidas pela intrepidez

magnífica dos "tommies" de Haig. A nossa consciência vibra no seu furor, e o que varrem as suas balas é tudo quanto nos ameaça a liberdade moral e civil; despotismo asiático de Xerxes agitando o mar, opressão de castas mais insensíveis que o ferro das próprias armaduras, exercida em nome de sombrios ídolos, crueldades e vorazes, sob o largo manto purpúreo.

Destarte as rainhas exterminadoras, com os léguas de varetas metálicas, os dourados pentes de bolas, vão por trincheiras, campos, lugares inundados de sangue, como se nraresssem os jardins de subúrbios e agônias do seu imenso domínio real. Vão estrondo e abatendo — Erínias atuais — hordas ultrulentas de malfeitos, que ainda esperam a vitória sobre os despojos do mundo civilizado. Mas podemos já entrever, como pôde Atenas, a transfiguração esculpiana das fúrias em Eumenides, soberbas e plácidas formas da Justiça, reinando sobre o destino dos homens, após o ferro e após o fogo, num santuário do Areópago.

Querendo fazer do próprio arco de triunfo um arco de aliança entre os povos guerreiros, Santos Dumont esperou, em vão, no amplo círculo de névoas, o passare azul do lenha, o iria sobre a montanha, e apenas viu nas brumas do seu oceano que os abutres voavam sobre os cadáveres. Aclamação dos vóos macabros, porém, flamejou no nosso ideal na sua audácia e lema dos aviadores contemporâneos: *mais alto, mais longe, mais veloz*. Mais alto, para a estratosfera, com a ciência de Picard. Mais longe, para os desertos do polo sul as montanhas da luta. Mais veloz, até onde? Roçando quimericamente os céus, a cabecinha, os anéis dos corpos astrais, desata-se o vôo siderino dos romances de Wells, das fantasiadas de Martelínck, das estrofes de Luis Delfino. — "Não se irá a um estrela?" — indagava o poeta brasileiro, conscientemente desviado no turbilhão dos sóis ofuscantes, na espiral das nebulosas indefinidas. Se alguém pudesse atingir o divino estrelário com envergadura de águia mecânica, não deveria levar somente as estrelas, o impulso dado pelo nosso compatriota aos voadores humanos, mas também a sua mi-

ragem de fraternidade universal.

Santos Dumont... Ainda longe da paz, longe dos astros, ouvimos-lhe o nome através das cidades tumultuosas, donde ressurgent gigantes de aço, modernizando a mesma ambiguidade, que se petrificou e alula na arquitetura da lenda bíblica. Santos Dumont, libertador de usas inúmeras — as suas invisíveis do semi-deus adorável ou acorrendo no homem... Com a sua glória viva e reviva o ideal sozinho nos destroços lendários de Babel. A empresa quimérica tornou-se o emblema contemporâneo, símbolo da nossa impaciência, juntada ao planeta, querendo violar o mistério infinito. Sob a fuga dos avôs ressuscita terra, como se fosse um orbe de cristal, e em vóos, pela atmosfera, e em ciclos, pela história, o alado génio transluce na explosão de todos os dinamitos nubilos, no arranço de todos os passaros humanos, que se elevam ou se despenham com o mesmo vigor à mesma fúria da alma precipitada em abismos, hoje, para ascender outra vez, amanhã, no eterno destino dos heróis aos céus.

(Discursos Acadêmicos, volume 8.º)

### A SENTENÇA

(Continuação da pág. 19)  
de Direito começaria a sortear os jurados. Tressanando a suor frío ficaria o salão do Juri, mesmo que fosse do tamanho de uma praga.

Quem deixaria de ver a sacrifício na cadeira de réu, de ouvir o promotor reverberando numa catilinária, se em Sant'Ana do Ipanema não existia outra diversão a não ser um circo, de ano em ano? Se somente no véspera de Natal a cidade tomava um ar festivo?

Um juri de um criminoso daquela espécie era a melhor diversão daquela gente.

Major Tiopompo, por sua livre e espontânea vontade, ficaria o resto da vida estendido sobre a mesa. Mas naquela remorsa que lhe emagrecera os ómbros, afinal-lhe os dedos, fizera desaparecer de seus olhos aquela fúria de iran — obrigava-o a deixar o quarto.

Dona Ingrácia, vendo-o pálido, indagou:

— Estas doentes, homem? Por que não vais à cidade? Por a Seu Coriolano um purgante.

Não se sentia bastante forte para desembuchar aquela história à sua mulher. Nem tão pouco aos filhos. Certamente o amaldiçoariam, cuspiriam de nojo.

Esperou que trouxessem o cavalo para escanchar-se na sela e partir numa desabrida louca. De ventas avassaladoras o cavalo levantava um poeirão, suando, castigado pelas esporas, pelo chifre dando lapadas nas duas ancas. De crinas ao vento, vencia atalhos, pulava cérceas, deixando revoltas as águas do riacho. Talvez um "fordeco" não vencesse aquela distância em quanto tempo.

Que máquina de carne era aquela cavalo. Agora martelando o calçamento de pedra, voando de rua acima.

Cem metros mais, a Prefeitura (onde se realizavam as sessões do Juri), estava compacta, gente se equilibrando no peitoril de janelas, trepada em caixões de cebola.

Na cadeira de réu o sacerdote absorto, indiferente a tudo aquilo, de cabeça caída como se desejasse dormir.

Quando o Juiz perguntou onde estava o seu advogado, se tinha alguma declaração a fazer, Davino limitou-se a abrir os olhos. Nem uma palavra em sua defesa. Nem um gesto que pudesse assinalar a repulsa dos jurados.

Comum era o réu abrir a bôca, cair num pranto de fazer dô.

Davino mais sugeria um bronce que na cadeira houvesse sentado, um ornamento entre aquelas paredes bolorentas. Nem uma palavra, nenhum contração muscular ao ouvir as tremendas acusações que o encravão lá nos autos.

Aposar do cavalo corre muito, quando o Major Tiopompo se apelou, já haviam os jurados se pronunciado. Começava o Juiz a ler a sentença, citando artigos e parágrafos do Código Penal.

Pepé, Davino escutava a sentença de trinta anos, sem aperceber-se de nada, como se o que ouvisse fosse uma declaração de um prémio que a municipalidade acaba de lhe conceder.

— Trinta anos — frizou o Juiz.

Nesse instante Major Tiopompo empurrava, scotovelava, praguejava aquela gente que lhe interditava a passagem.

Aos berros Major Tiopompo se acusou.

Conseguiu chegar ao salão. E de frente do Juiz pediu que a sentença fosse para ele. Para ele que havia amado Melânia, seduzindo-a apesar dos seus sessenta anos, arrochando-lhe

o pesoço no momento em que o amor era orgasmo.

Então, Davino se enfureceu. Libertou-se daquela indiferença e protestou. Protestou como quem se vê roubado. Protestou impondo respeito à lógica. Fez ver que Melânia não se iria entregar a um velho como Major Tiopompo — e apontou para o peito arfante do velho. Um velho conhecido que o amor nada sabia. Entregou-se, sim, a ele Davino, que sempre amara, que daria a vida para obter aquele amor. E a todos convenceu alegando que, no bauzinho de flandres de Melânia, foram encontrados bilhetes que ele lhe escrevera. Novamente feriu o peito do velho com o dedo, afirmando:

— Esse velho enlouqueceu. Aquilo não podia continuar. Era um desrespeito à justiça. O Juiz reclamou silêncio. E fez um gesto a dois soldados da Polícia. Imediatamente os soldados torceram os braços do Major Tiopompo carregando-o para fora, aos empurres.

Major Tiopompo não resistiu. Impossível sobreviver àquela injustiça.

Foi Davino quem salvou-a por não poder amar Melânia. Davino se convenceu ser o senhor de Melânia quando, na realidade, apenas em sonho ele a possuía.

E numa tarde, quando todos da Fazenda colhiam espigas verdes para canaço de S. João, Major Tiopompo selou o cavalo. E foi-se, pela garganta de dois mortos, para nunca mais voltar.

### A VIDA DOS LIVROS

(Cont. da página 23)

ção pronunciada pelo sr. ... como parâmetro das diplomatas da Escola Normal e do Curso de Secretariado, do Externato São José, de São Paulo, nos 11 de dezembro de 1947. Tip. Maria Auxiliadora, São Paulo, 1948. s.n. págs.

# PAGINA DOS AUTORES NOVOS

## XXIII - DEBORA LEÃO



Debora Leão

Debora Leão nasceu no Recife, é filha do Professor Laurindo Correia Leão e de D. Maria Felisberta Correia Leão, e irmã de Mílcia Leão. Casou-se com César Pinto Simões, funcionário do Banco do Brasil na Capital da República. É pintora e poeta, nunca tendo, entretanto, consentido em exibir seus quadros nem em publicar seus versos. Sua produção literária é toda de sonhos, gênero em que a poeta se move com uma liberdade, e com uma alegria perfeitas.

### Deus:

Verdade palpável, evidente,  
que a carne volta ao pé, à terra escura:  
também o instinto prova claramente  
a rotacionação da criatura;  
então um grande amôr e a dor ardente  
não se corrompem n'uma sepultura,  
evolam-se num fluido transparente,  
formam nossas almas delicada e pura.  
  
Enamorada de longinquas almas,  
sedenta de beleza e perfeição,  
a alma presente, compreende Deus:  
pois Deus é o nosso próprio coração,  
está naqueles íntimas trófeus,  
imunizado da putrefação.

### Maternidade

Mulher: as leis eternas, absolutas,  
te espantam quando a dor te diânea  
as entranhas. Que importa, se executas  
a tarefa mais nobre que te espera?..

Bendize tantas dores, tantas lutas:  
amar não é somente uma quiméra:  
amam nãas e filhos impolutos.  
há extremos no querer de uma pantera.

Vá a terra, tua irmã, nessa grandeza:  
quintas véses também sonhando fica  
em flor, plena de luz e de beleza!

Pela terra que é grande, bela e rica  
deu-te com o seu exemplo a singeleza  
da árvore que floresce e frutifica.

### A criança e a nuvem

Olho a nuvem menor que vi na vida,  
lentando um quadro verdejante e quôdo,  
aqui e ali uma árvore florida,  
e turgo do alegre passarinho:

uma criança branca, distorcida,  
no rio claro, em baixo do arvoredo,  
vende uma nuvem na água refletida,  
joga na ribanceira seu brinquedo,

vive na terra, colhe a espuma à fluxo,  
e rega com as mãos murmurando: — "Oh! luz divina,  
oh! criadora, poderosa, luz,

faz uma nuvem transparente e fina,  
parecida comigo, pequenina,  
para brincar por mim nos céus nubis!"

### Nuvem leve

O céu também tem vista, tem paisagem.  
Mudam as nuvens, mas, de quando em quando,  
aparece a ligeira carruagem,  
sem ninguém no boleio governando.

Não te lembras de alguém assim vagando,  
sem guia, sem caminho, sem paragem,  
dia e noite incansável, viajando,  
sem conhecer o termo da viagem?

Não vês que a vida é frágil e inconstante,  
que tudo é igual à nuvem linda e breve?  
Aliás tua alma, pobre viajante,

sem saber onde vai, por onde esteve,  
viu e palpita pelo mundo errante,  
até sumir-se como a nuvem leve...

### O Amor

Porque constantemente ambicionamos,  
se nada é nosso e tudo aqui deixamos?  
Se desta vida a leve alma incorpórea  
não nos leva siqueira vaga memória?

Ameiam-nos, porque encantam-nos amamos,  
felizes como os pássaros nos ramos,  
esta doce emoção, mesmo ilusória,  
vale mais que o poder, o luxo e a glória.

Só sabe quem perdiço, trelouçado,  
amou profundamente e teve a sorte  
de apertar contra o peito o peito amado:  
também ardentes apaixonado.

Depois de tão esplêndido transporte,  
que importa a dor da vida e a dor da morte?

### Gota dagua

Gota de orvalho que do céu descece,  
que este solo sombrio percorreia:  
em busca do oceano: mais formas  
voltarão n'uma névoa vaporosa.

para a sublime região celeste,  
Mas, quiser saber d'onde nascece,  
que planeta, que estrela grandiosa  
formou a cintilante nébula?

da tua origem: limpido, brilhante,  
leva-me o pensamento bem distante,  
enquanto o meu olhar, lúmido, lúmido,

procuro as vidas do teu seio errante,  
encontra o velho, primitivo berço,  
e o túmulo provável do universo.

### Prisioneira

"Afinal o que eu sou? a vil escrava,  
a triste prisioneira... E os olhos crava  
no espaço: adeia a borboleta, alim  
vôa o passaro leve, vai e vem...

Até a pobre repulsiva larva,  
no seu casulo imóvel céga, parva,  
espera as azas para voar também!  
"Só eu não tenho o incomparável bem".

"Enquanto as borboletas entre as azas  
coloridas revolam, entre as brasas  
da saudade murmuра o meu lamento.

Ah! quem me dera, desdobrando as azas,  
cortando as nuvens, deslizando ao vento  
ir onde vai meu louco pensamento".

### Na multidão

Desfilo ante os meus olhos o cortejo  
de estranha e variada multidão:  
quanto rostos acesos de desejo,  
sedentos d'uma nova sensação.

Outros ostentam, sem pudor, sem péjo,  
o estigma imundo da devassidão;  
outros, sombrios ofícios do bafejo  
da sorte, da ventura, da ilusão.

Procuro em todos, desvairadamente,  
qualquer coisa que lembrar o grande horror:  
que se assemelhe, ao menos vagamente,

aquele imenso e desgracado amor,  
que transformou meu rosto resplendente  
n'uma expressiva máscara de dor.

### Indiferença

Costo de olhar o céu, quando medito:  
a formosa poeira do infinito,  
nos luminosos raios de ouro e prata,  
não sei que fluidos mágicos desata,

que transforma o recanto que habito.  
Tudo é grande, fantástico, bonito.  
Tudo me chama, tudo me arrebatá,  
na linguagem remota, fria, abstrata.

No céu cal uma estrela; no jardim  
desfolham-se as roseiras sobre mim:  
do monte rola a pedra esfarrada.

Eu comprehendo. Tudo tem um fim,  
tudo se acaba. E calma sossegada,  
espero a morte, indiferente ao nada...

### Exortação

Oh! vento amigo, escuta meus pesares,  
minhas saudades como outrora ouviste,  
minhas juras de amor, entre os palmares.  
Oh! vento amigo, da amplidão dos ares,

procuro meu amado! Se o encontrorei,  
se acaso ele ainda vive, se ainda existe,  
conta-lhe tudo, tudo quanto ouviste  
da minha voz amargurada e triste!

Oh juritá, amoroso passarinho,  
descobre as asas, com-te lindo par,  
vôa ligeiro, vai fazer teu ninho

no seu jardim! Ouvindo-te arruifar,  
talvez dei recorde meu carinho,  
talvez se lembre de me procurar.

### Estrela da tarde

Linda estrela da tarde, resplandeces  
como a rainha do entrelaçado céu.  
Querida estrela, se este brilho teu  
ouvisse minhas mágoas, minhas preces.

entendesse minh'alma, o grito seu,  
sempre chamando o ingrato que a esqueceu!  
Ah! se este apôdo ouvisse e entendesse,  
talvez no céu anui resplandecesse,

inda mais bela, aqui, ali e além,  
correndo pelos lindos espaços,  
com luminosos rutilantes traços.

sempre ofuscando os olhos do meu bem,  
até guia-lhe aos meus ardentes braços,  
como a formosa estrela de Belém...

### Andorinha

É uma hora triste, acaba-se a tardinha.  
Na areia fofa, trémula andorinha  
de azas quebradas, mita pelos ares  
sua par, voando com outros lindos pares.

As feridas a padecer sozinha,  
a tua dor é semelhante à minha:  
companheira de táticos pesares,  
querer cantar e rir até cantares,

e os nossos males passarão ligeiros.  
Hei de esquecer recordâncias feridas,  
hão de sarar-te as azas doloridas.

Como os primeiros serão derradeiros  
e os derradeiros hão de ser primeiros:  
as esquecidas serão preferidas.

### Transformações

Não morre, apenas pelo chão desaba  
a árvore, que as sementes repartidas  
já são formosas árvores floridas.  
E a matéria, que a podridão macabra

tanto aproveita? Da nojeira baba  
nada se perde, as carnes poluidas  
rotas, transformam-se em milhões de vidas.  
Então, minh'alma, exulta, nada acata.

Olha as ondas do mar beijando as fragas:  
entre os raios do sol e ondas afreias,  
vão e voltam nos céus e às terrenas plagas.

Como as revoltas inquietas vagas,  
assim vives, minh'alma, entre as etéreas  
existências e as sórdidas matérias.

### Separação

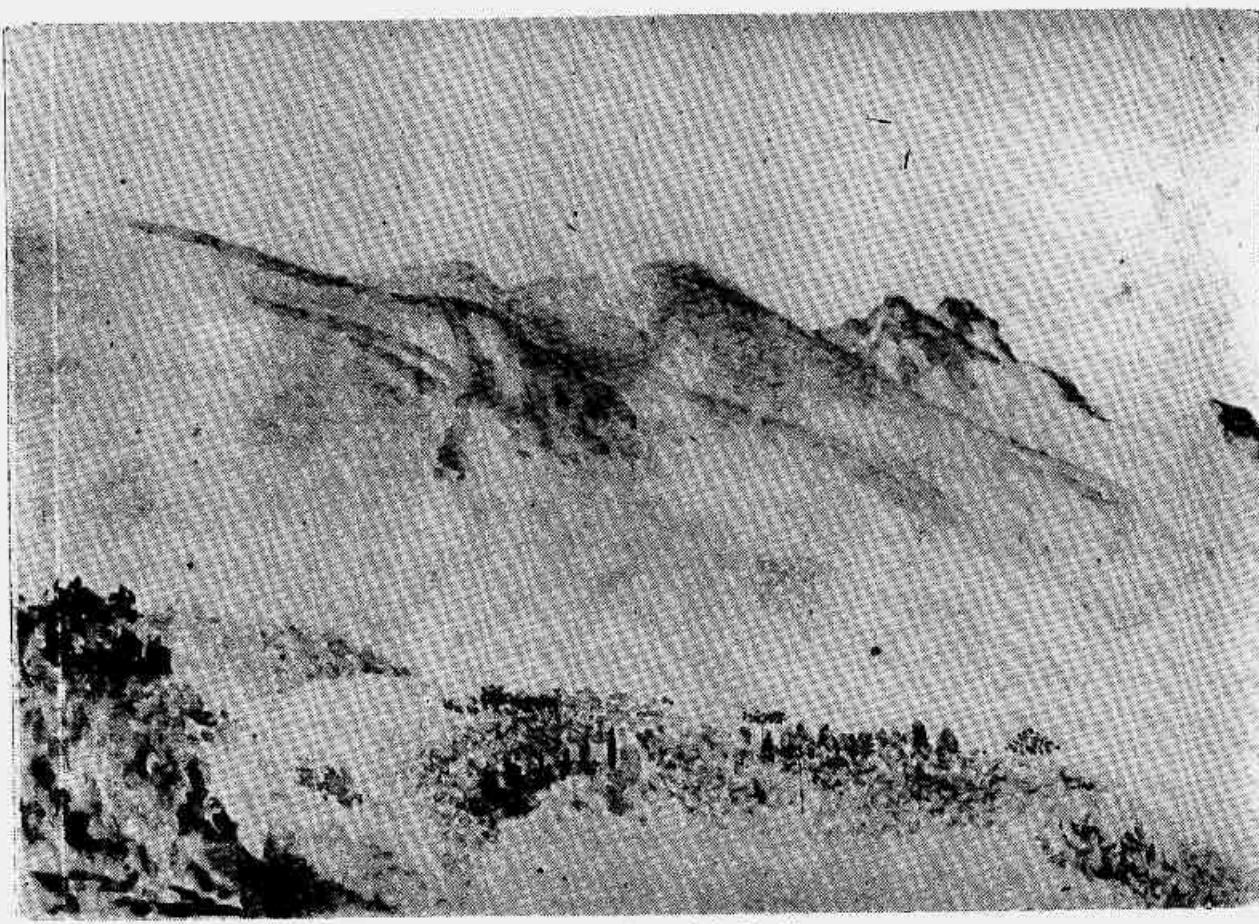
Tu sabes que meu peito ingênuo e casto  
transformou-se, que agora é um louco e vasto  
incêndio, a mesma febre que te inflama,  
e, unidos e abraçados como a flama,

a brasa incandescente. Como o lastro  
de lux resplandecente envolve o astro,  
assim vivemos: tua alma reclama  
toda minh'alma, que te adora e te ama.

Mas nessa vida de surpresas cruas  
pode o ciúme, a ingratidão feroz,  
o ódio latente separar-nos. Nós

então seremos um para o outro — sóis  
inesquecíveis: nossas almas duas  
polidas, mortas, resplandecidas luas...

# Album de Guignard



N. 11 — Horto Florestal de Itatiaia

## BIBLIOGRAFIA DE CELSO VIEIRA

(Cont. da página 20)  
— *Recepção do Acadêmico*  
Vitor Viana, 1937.

— *Ceticismo e Belesa na obra*  
de Anatole France, 1944.

Na Casa de Itália:

— *Leopardi*, oração preferida  
no centenário do poeta e pu-  
blicada no *Jornal do Comércio*,  
em julho de 1937.

No Gabinete Português de  
Leitura:

— *O dia de Camões*, confe-  
rência publicada no *Jornal do*  
*Comércio*, em junho de 1935.

No Instituto Histórico e Geo-  
gráfico Brasileiro:

— *O Mistério de Anchietá*,  
em 1933, conferência incluída  
na coleção *Anchietá*, ed. da  
Livraria do Globo, Porto Ale-  
gre.

**EDIÇÕES**  
**MELHORAMENTOS**\*

— Esta entregue ao mercado  
leitor a vigésima sexta edição  
do famoso romance de Taunay  
*Inocência*, um dos pilares ba-  
sicos da nossa formação litera-  
rária. É mais um lançamento  
das "Edições Melhoramentos".

— Poucos sabem que há no  
Brasil uma versão de Os Lu-  
viões, especialmente para a  
noiva juventude escolar. É um  
lançamento das "Edições Mel-  
horamentos", que se encontra  
ja na sétima edição.

— O folclore está na ordem  
de dia na programação de nos-  
sas editoras. Em segundo edi-  
ção, a "Melhoramentos" acaba  
de lançar a apreciada obra de  
Lindolfo Gomes, "Contos Po-  
pulares Brasileiros".

**EDIÇÃO IPÉ**

O Instituto Progresso Edito-  
rial (IPE) apresentará este ano  
*Toda a Poesia de Guilherme de*  
*Almeida*.

## ADONIAS

(Cont. da página 21)  
enções dinásticas, o alto so-  
nho do poder, gosaria o en-  
canto de todas as mulheres  
em um só — Abisas.

— Há uma coisa mais  
desejável que o poder, con-  
fia. E o amor.

Subjugado pelo coração,  
foi um dia ao palácio real,  
diante a Betsabé.

— Muito bem sabes que  
me pertence o reino de Is-  
rael e Judá. Sobre o teu fi-  
lho posso invocar a prima-  
zia do nascimento, o voto  
quase unânime dos judeus e  
dos israelitas. A um bra-  
ço de meu, avançaria o exér-  
cito de Joab, com as lanças  
em riste, para me entronizar.

— Mas deixo não só este  
reino, todos os reinos do  
mundo a Salomão, contan-  
do que eu tenha por mulher

Abisag de Sunom. Queres  
interceder junto ao rei?

— Sim, prometeu-lhe a  
viúva de Urias e David.  
Maternalmente, diante da  
corte, falou Betsabé a Salo-  
mão, cujo esplendor prin-  
cipiava a ofuscar os séculos  
antigos. E em vez do gesto,  
que a sua ternura aguarda-  
vam do rei — a simples  
dádiva de Abisag ao irmão  
Adonias, como era justo —  
vai uma nuvem crescer,  
tempestuosa, nos olhos res-  
plendentes do filho:

— O mês, trovejou Salo-  
mão, pede-me antes o rei-  
no para Adonias. Não é ele  
o mais valoroso, o mais dig-  
no de reinar, escolhido pe-  
los brotueis de Joab, con-  
sagrado pela unção de

Abiá?

— Perdão, Henrique — Di-  
cionário Universal de Litera-  
tura — 299 págs.

— Ribeiro, João — Anchietá

— Jornal do Brasil — 6-11-1929.

— Várias opiniões acerca de

Adonias — Revista Nacional

— Junho, 1919.

## NADA

Tudo é nada no mundo; o nada é tudo.  
Porque tudo do nada foi tirado,  
Porque no nada tudo é transformado,  
E ao nada voltará n'um dia tudo.

Deus do nada co'um gesto tirou tudo;  
O Universo do nada foi tirado,  
E n'um dia, no nada transformado,  
Deixará de existir; e assim vai tudo.

Só nossa alma persiste, e Deus Eterno,  
Cuja essencia é de si mesmo increada,  
Pois é um Ser divino, Ente superno.

Na potencia do mundo agigantada,  
N'esta terra, no Deus, no proprio Inferno.  
S'cniere uma palavra eu leio: NADA.

19 de Março de 1865

JOAQUIM NABUCO

edições da livraria mortal:

— Perdoe-lhe já uma  
vez, quando ouviu disputar  
me a telha. Agora, é malo  
o seu crime. Banaias!

O matador de leões apre-  
senteu, formidável.

— Sói com a tua espada  
e traze-me a cabeça de Ado-  
nias.

Uma hora depois, a ca-  
bera do irmão era apre-  
sentada ao rei, entre lou-  
vares dos escribas e aclama-  
ções dos soldados. As

mulheres tremiam, espava-  
ridas, sob os diademas ruti-  
nantes; boquiabertos e hor-  
rificadas, ajoelhavam os

príncipes, quase desfale-  
cidos, no mármore-rosa do

lagedo. Então, o soberano

prosseguiu, coberta a face

— Quem volver o desejo  
para Adonias morrerá com  
Adonias.

Magnificamente, des-  
do trono, inclinou-se para  
ela, beijou-lhe os cabelos  
mais crimpados que a fita do  
relâmpago de Galad, e  
olhos submissos como os  
das nubes arrulhadoras, a  
boca de rosas trencalante-  
matura, orvalhada:

— Senhor, disse Abisag  
a medo, o teu poder é im-  
placável.

Cingindo-o no seu dor-  
lumbramento, levando-a  
para a sua câmara, Salomão  
respondeu:

— Há uma colap mair im-  
placável que o poder, mais  
poderosa que a morte: é o  
amor.